

D#33 ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

ANO V - março/abril2025

Ilustração - Wilson Inacio





Lei Paulo Gustavo

Juntos para a cultura resistir



PENSAMENTO LIVRE

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Aldo Moraes

Ronilson Rony

Wilson Inacio



Wilson Inacio - Arte & Design

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

Expediente:

Editor Chefe - Wilson Inacio
Jornalista responsável: Aldo Moraes
Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony
Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio
Curadoria Caderno de Literatura: Vagner Xavier

Nossas Redes:

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>
<https://www.facebook.com/>
A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
<https://revistadarte.com/>

ISBN - 978-65-999129-0-0

Cultura Viva: Brasil é destaque em seminário internacional que reuniu mais de 300 especialistas em políticas culturais no México



<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/cultura-viva-brasil-e-destaque-em-seminario-internacional-que-reuniu-mais-de-300-especialistas-em-politicas-culturais-no-mexico>

Nos dias 8, 9 e 10 de abril, a Cidade do México tornou-se um grande polo de discussão sobre temas ligados ao direito à cultura

urante três dias, o Seminário Internacional Cultura Viva Comunitária – Uma Escola Latino-Americana de Políticas Culturais transformou a Cidade do México em um vibrante polo de reflexão e intercâmbio sobre políticas públicas de cultura. Mais de 300 participantes presencialmente — entre especialistas, gestores públicos, pesquisadores, ativistas e representantes da sociedade civil — mergulharam em uma programação intensa e rica em debates e reflexões, com mais de 20 atividades que colocaram a cultura de base comunitária no centro da agenda. Além disso, o evento contou com transmissão online, alcançando mais de 10 mil visualizações.

Inspirados na experiência brasileira dos Pontos e Pontões de Cultura e da Política Nacional de Cultura Viva, os diálogos em torno da política

Cultura Viva Comunitária reuniram vozes de mais de 13 países da América Latina e Ibero-América. Em pauta, os caminhos para fortalecer políticas culturais participativas, transformadoras e conectadas às realidades locais.

“Este seminário foi colheita e plantio. Colheita de um processo que começou há 20 anos com os Pontos de Cultura no Brasil, e que hoje floresce em muitos territórios da Ibero-América. Uma política pública viva, com mais de 7.200 Pontos espalhados pelo país, que une ancestralidade e inovação, sustentada por um Estado mais interativo - que escuta, caminha junto e reconhece o protagonismo das comunidades. Essa experiência inspirou Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Espanha, México, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai.

A união desses países deu origem ao Programa IberCultura Viva, que completou 10 anos de cooperação entre governos e redes culturais”, destacou Márcia Rollemberg, presidenta do IberCultura Viva e secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura do Brasil

O seminário começou em alto nível com a participação do antropólogo Néstor Canclini, que instigou o público em sua conferência de abertura, que teve como tema: “Desafios da Cultura Viva Comunitária: dos diálogos com instituições às plataformas digitais”. Com sua visão aguçada, Canclini detalhou como as redes sociais estão moldando novas formas de pertencimento e como a cultura comunitária pode se fortalecer no ambiente digital. Ao longo da fala, trouxe exemplos de iniciativas que, em diferentes territórios, utilizam a tecnologia não como fim, mas como ponte — conectando pessoas, ampliando vozes e fortalecendo redes. Um chamado à ação para que instituições e coletivos caminhem juntos, do território ao digital.

No coração do seminário, um encontro transformador de formação e troca de saberes, foram debatidos temas essenciais para a promoção e fortalecimento da cultura. A resistência dos povos originários, o impacto do ciberespaço, a sacralidade, as matrizes africanas e indígenas, o papel da academia e da pesquisa, a cidadania, a democracia cultural, a sustentabilidade, a soberania digital, a valorização das ações nos territórios, a diversidade e os saberes populares foram apenas alguns dos tópicos explorados. Juntos, esses debates reafirmam a cultura como um patrimônio coletivo que se constrói a partir das experiências, vivências e vozes de cada comunidade.

Para encerrar, o historiador Célio Turino levou o público a uma verdadeira imersão no Cultura Viva, com a conferência “Não se pode deter o vento”. Em uma aula inspiradora, ele compartilhou a criação, o desenvolvimento, os conceitos e os objetivos da política pública Cultura Viva, que revolucionou o fazer cultural no Brasil e virou referência no mundo. Ao refletir sobre a essência do projeto, Turino destacou: “O Cultura Viva é um conceito biológico que rompe com a ideia da cultura eurocêntrica, não é um slogan, é uma cultura natural e de pacificação. Há uma poética na construção, como foi escrito desde 2004, é um processo de encantamento social, de ruptura com

formas rígidas, através de uma escuta sensível e do respeito à identidade e diversidades”. Com palavras fortes e cheias de significado, ele reafirmou o movimento como um caminho de transformação social, pautado na escuta, no respeito e na valorização da diversidade.

Um fim que marca um novo começo: o encerramento do seminário inaugura uma nova fase para as políticas culturais em toda a América Latina e Ibero-América. A estruturação de uma rede coletiva voltada ao debate, à formação e à atuação no setor cultural é agora uma realidade — colocando a Cultura Viva Comunitária no centro das atenções, conforme explica Alexandre Santini, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa (MinC), instituição correalizadora do seminário:

“As políticas culturais que se desenvolvem há duas décadas na América Latina, inspiradas nos Pontos de Cultura e na Política Nacional de Cultura Viva no Brasil, ganharam força e repercussão continental e mundial a partir do conceito de Cultura Viva Comunitária. O Seminário nos permitiu aprofundar e refletir sobre estas experiências, que constituem hoje um repertório comum para o pensamento, a implementação e avaliação de políticas públicas de cultura em âmbito internacional. O resultado do Seminário é excelente em termos de adesão, participação, densidade dos conteúdos debatidos, e aponta perspectivas para o futuro”.

O seminário é promovido pelo Instituto Latino-Americano de Cultura Viva Comunitária e Redes de Gestión Cultural (RGC), em parceria com o Programa IberCultura Viva, Fundação Casa de Rui Barbosa/MinC, Secretaria de Cultura da Cidade do México, Universidade Autônoma da Cidade do México (UACM), Lab Cultura Viva (Extensão UFRJ), Cátedra Unesco de Políticas Culturais e Gestão (Brasil), e o Pontão de Cultura Areté (Brasil); e o apoio da Secretaria de Cultura do Governo do México, Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), Centro Cultural de Espanha - Cidade do México, Trànsit Projectes (Espanha), RedLab e a Diputació de Barcelona (Espanha).

Categoria

Cultura, Artes, História e Esportes

Planejar com estratégia, criar com liberdade.

CURSO PRESENCIAL GRATUITO
Produção Cultural

Ferramentas
de Facilitação
de Planejamento
Estratégico

BAIXE O E-BOOK



Esse é o livro digital, e-book, de autoria de Carolina Damião, “Planejar com estratégia, criar com liberdade” do curso “Produção cultural: ferramentas de facilitação de planejamento estratégico”.

Neste material você vai encontrar informações para estruturar um projeto cultural para inscrição em editais, ferramentas de facilitação de planejamento estratégico para a elaboração de projetos culturais, um método para analisar a eficácia das propostas e sobre como prestar contas com tranquilidade.

Baixando o e-book você terá acesso a 06(seis) documentos* comentados e editáveis para facilitar o planejamento do seu projeto, sendo eles: esboço do projeto, planilhas (orçamentária, de ficha técnica e de cronograma), modelo de base de contrato, modelo de carta de anuência da equipe, modelo de termo de cessão de espaço e modelo de currículo.

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSewH1GKfB_E3dQ0IPdB-9-CTiRv96cpZK6o1Vnzg5TxoVFQFA/viewform

PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA –GOVERNO FEDERAL.

A execução das ações deste projeto, curso, livro digital, material compilado em vídeo com tradução em Libras e material complementar em áudio foi possível graças ao trabalho dos seguintes profissionais:

Realização: Horla Produção e Arte
Coordenação de Produção: Isadora Yalodê
Professora e autora: Carolina Damião
Designer gráfico: Fernando Souza – Maringaense Cultural
Revisão textual: Luana Paes
Captação e edição de som: Natália Gimenes
Intérprete de Libras: Francielle Lopes
Captação audiovisual, legendas e finalização: Max – Fenda Filmes
Apoio: Centro de Ação Cultural Márcia Costa – Secretaria de Cultura de Maringá
Mais informações em carolinadamiao.com.br

O efervescente circuito de arte nas periferias

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-efervescente-circuito-de-arte-nas-periferias/>



Favelarte Galeria Suburbana (Foto: arquivo pessoal)

Nas quebradas de SP, artistas correm para criar e fomentar galerias, exposições e espaços culturais. A economia solidária alimenta a cadeia produtiva local. Relação entre arte e território, apontam, favorece laços, redes autônomas, de renda e sobrevivência

Por Lucas Veloso, especial para o Nonada
Jornalismo

Por trás de uma barbearia na parte alta da favela de Paraisópolis, o artista plástico Moisés Souza foi apresentado a um espaço ocioso no segundo andar da casa do amigo Hermes de Moraes, mais conhecido como Ticano. “Ele me mostrou o lugar e disse que sonhava em ter uma galeria ali”, lembra Moisés. A ideia ficou guardada por meses até que ele decidiu retomar o contato. “Falei pra gente montar a galeria do jeito que estava. Ele fez umas reformas, eu chamei os artistas. Deu no que deu.”

Assim nasceu, em dezembro de 2024, a Favelarte Galeria Suburbana. Um espaço criado para dar visibilidade à arte periférica e abrir caminhos

para artistas que não encontram lugar no circuito tradicional. “Arte tem que estar onde não há. Ali não tinha galeria, agora tem.”

Na zona sul de São Paulo, outra galeria surgiu por impulso semelhante. O fotógrafo Léo Britto, morador da favela Monte Azul, conta que estava cansado de tentar emplacar suas fotos no mercado tradicional. “Decidimos criar e fomentar o nosso mercado”. Em 2024, junto ao sócio Rogério Vieira, fundou a Galeria Sérgio Silva, que deu início ao FotoBeco, uma exposição fotográfica a céu aberto no meio da comunidade. “Nossa ideia era criar um circuito de arte da ponte pra cá”, diz Léo. “Onde melhor fazer isso do que com o nosso povo, no nosso bairro?”

Galerias que movimentam cultura e economia



Rogério e Léu, sócios da galeria Sérgio Silva, e a fotógrafa Juh Almeida (Foto: divulgação)

Nem a Favelarte nem a Galeria Sérgio Silva começaram com patrocínio ou edital. Foram erguidas com recursos próprios e apoio informal dos vizinhos. “A gente queria um espaço para mostrar nosso trabalho”, diz Moisés. “Não acredito que a galeria vá mudar a visão sobre a favela, mas os artistas brotam e precisam de lugar para expor”.

Além de espaços culturais, as galerias também se tornaram polos de economia criativa nos próprios territórios. “Ficamos aqui, entre os nossos. O dinheiro que gira aqui, fica aqui”, afirma Léu. Desde os montadores até os artistas gráficos, as exposições movimentam uma cadeia produtiva local. “Quem imprime a lona é da quebrada. Quem instala, também. Quando tem evento, a gente compra da tia do lanche, do som do vizinho”, completa.

Jamila Reis Gomes, geógrafa, professora e doutoranda em Geografia pela UFBA (Universidade Federal da Bahia), pesquisa há mais de dez anos as relações entre arte, cidade e território. Organizadora do livro *A arte como geografia: sentir e viver o espaço* (EDUFBA), junto com Maria Auxiliadora da Silva, ela observa que esses espaços têm papel estratégico na criação de redes econômicas autônomas. “As periferias constroem um circuito cultural que também é um circuito de trabalho, renda e sobrevivência. A arte nesses territórios é também empreendedorismo”, pontua.

Léu Britto entende essa construção como forma de resistência e de afirmação econômica. “Não vamos dar nosso dinheiro para nenhuma imobiliária. Vamos ficar e fortalecer quem é daqui”, reforça. “Quem do mercado fotográfico está preocupado em preservar a arte da quebrada? Dá pra contar numa mão”.

Esse posicionamento faz parte de um movimento mais amplo de descentralização da cultura. “Há uma intensa produção artística nas periferias que constrói o lugar da ação, da produção de arte e economia na contramão de um mercado dominante”, diz Jamila. “Essas galerias articulam a arte ao território em que estão inseridas”. Jamila também destaca o impacto simbólico dessas iniciativas. “Alguns bairros passam a ser conhecidos por causa desses espaços. É possível contemplar não só arte, mas também novas propostas e ressignificações do território”.

Segundo o Mapa da Desigualdade 2024, o distrito do Jardim São Luís, onde está a favela Monte Azul, conta com apenas 1 equipamento público de cultura. Em Vila Andrade, que abrange Paraisópolis, não há nenhum. Para mais de 300 mil moradores, espaços como a Favelarte e a Galeria Sérgio Silva são mais que alternativas culturais: são ferramentas de sobrevivência e ocupação econômica.

Nem sempre respeitado, mas nunca interrompido. A chegada de espaços culturais nas comunidades alterou dinâmicas dos próprios territórios. A Galeria Sérgio Silva ocupa uma viela pouco usada em Monte Azul. “Era ponto de lixo, de drogadição. Agora é galeria”, conta Léu. Nas primeiras exposições, algumas lonas foram rasgadas e pichadas. “Fizemos mais cinco. Aí pararam. Hoje, os próprios moradores defendem. No ano passado, durante o período eleitoral do município, adesivos de políticos foram colados sobre as obras. “Achamos o cabo eleitoral, ele voltou lá e limpou tudo. Isso mostra que arte tem seu respeito”.

Na Favelarte, Moisés relata que artistas que começaram ali conseguiram espaço em outros eventos e venderam obras para colecionadores. “Tem criança que nunca pensou em arte como caminho. Agora pensa. Isso já vale”. As duas galerias têm foco em artistas periféricos. “A maioria dos que expõem na Favelarte é da zona leste”, diz Moisés. “Sou de lá também”. A curadoria mistura estilos, linguagens e trajetórias. “Tem artista que não dialoga com o outro, e isso é a cara da favela. Cada um de um jeito”.



Jamila Reis Gomes (Foto: arquivo pessoal)



Evento Fotobeco, da galeria Sérgio Silva (Foto: Léu Britto/divulgação)

No Sérgio Silva, a proposta é mostrar fotografia feita “sobre, para e pelas periferias”. “Não queremos ser bairristas. Queremos misturar saberes e visões”. Para Jamila, esses espaços criam “outras centralidades da produção artística” e abrem caminhos reais para que artistas da periferia entrem no mercado. “É uma maneira de inserção e também de criação de outros circuitos da arte”.

As ações nas duas comunidades incluem oficinas, eventos e trocas com a vizinhança. “A galeria é viva. Tem oficina de arte, história da arte, inglês. Queremos que o povo aprenda e se expresse”, diz Moisés. No Monte Azul, os moradores participam espontaneamente. “Quem passa pela viela e para pra ver, tá incluso”. A montagem também é feita com mão de obra local. “A lona foi desenhada por um artista da quebrada. Quem monta é um empreiteiro daqui. A parede foi cedida pelo dono da casa.” As iniciativas tornam todos os participantes agentes da arte e da cultura.

Sustentabilidade é desafio

Apesar dos avanços, manter os espaços abertos é difícil e o caminho para obtenção de recursos estruturais é longo. “Estamos arrecadando para colocar ar-condicionado”, conta Moisés. Léu acredita que o desafio começa pelo reconhecimento. “Fotografia é arte. Pode e deve ser vendida”. Mas o problema vai além do dinheiro. “A comunidade precisa entender que aquilo ali não é só comércio, é cultura. Que seu quintal é quem faz sua segurança”.

Em resposta ao Nonada Jornalismo, a Prefeitura de São Paulo afirmou que investe na cultura por meio de reformas e criação de novos espaços, como a Casa de Cultura Cidade Ademar (prevista para 2025) e a requalificação da Casa de Cultura da Brasilândia. Além disso, citou o Programa

de Fomento à Cultura Periférica, que financia coletivos culturais com editais anuais e consultas públicas para aprimoramento. A nível federal, em 2024, o programa Rouanet nas Favelas contemplou 26 projetos culturais nos territórios periféricos de capitais no Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Jamila reforça a importância de políticas públicas para garantir a continuidade desses espaços. “A maioria dos artistas periféricos trabalha com poucos recursos. É preciso simplificar os editais, oferecer oficinas e apoio técnico para captação de recursos”, pontua. “Esses espaços produzem novos olhares e deslocam o eixo dominante da arte. A favela não é só lugar de consumo cultural, é também de produção potente”.

Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, contribua com um PIX para outrosquinhentos@outraspalavras.net e fortaleça o jornalismo crítico.

Tags

Casa de cultura cidade ademar, casa de cultura da brasilândia, Economia Solidária, Favelarte, FotoBeco, galerias da periferia, galerias de arte, galerias periféricas, movimentos culturais

Nonada

Nonada Jornalismo é uma organização sem fins lucrativos que entende a cultura para além da produção artística. Desde 2010, busca ecoar com viés decolonial as múltiplas vozes que formam a cultura brasileira, com enfoque em pautas sobre processos artísticos, políticas culturais, comunidades tradicionais, culturas populares, liberdade artística e direitos humanos, memória e patrimônio.



<https://www.instagram.com/galeriasergiosilva/>

Escritor da zona leste mistura poesia e cozinha para viver seu sonho

BOKA A BOKA

<https://everestfm.com.br/index.php/2024/11/27/escritor-da-zona-leste-mistura-poesia-e-cozinha-para-viver-seu-sonho/>

Com dois livros já lançados, ele busca levar toda sua veia cultural para o novo projeto culinário.

por João Victor Montoza

Escritor de poesia, Wilson é apaixonado por todas as manifestações de arte e cultura, inclusive, a culinária, e foi a partir dela, que ele começou a buscar seu sonho, como todo novo empreendedor, e desde março de 2024, tem sido uma nova opção de restaurante para a população da região do Jardim São Gabriel.

O “Boka a Boka”, é uma das mais recentes alternativas de cozinha artesanal da zona leste de São Paulo, ainda sem muito investimento, o projeto de Wilson Lírio, de 51 anos de idade, busca levar uma comida acessível e caseira, enquanto utiliza o espaço de sua casa, como ponto de encontro, e manifestação cultural, unindo a poesia e a culinária, em um único ambiente.

“É uma cozinha onde eu preparo hambúrgueres, onde eu preparo massas, e preparo outros alimentos, o que o cliente pede a gente tenta fazer, não tenho faculdade de culinária mas sou um cara que pesquisa e gosto de fazer, e aí vou cada dia melhorando uma coisinha aqui, uma coisinha ali e vou atendendo meus clientes e passando a poesia.”

Wilson, que já tem dois livros lançados, ainda escreve poesias que são publicadas em uma revista virtual na cidade de Londrina-PR, chamada “D-Arte”, e escolheu sair do emprego no qual já estava a 33 anos, para se arriscar e viver seu sonho de infância, que é trabalhar com a arte da culinária.

Apassionado por cozinha, Wilson utilizou a

experiência aliada a curiosidade para vislumbrar o sonho de se arriscar comercialmente com a comida. Deste modo, ele usa um pedaço de sua casa como ponto de encontro, e trabalha para ajudar a esposa, psicopedagoga, e para cuidar dos filhos, Davi, de 21 anos e Rafael, de 10 anos, que lida com o transtorno do espectro autista.

O restaurante atua na região do Jardim São Gabriel e pode ser utilizado para eventos e pequenas confraternizações, por hora, a única maneira de solicitar o pedido é por meio do whatsapp.

Divulgação



DISQUE 100 RACISMO

RACISMO É CRIME! DENUNCIE!

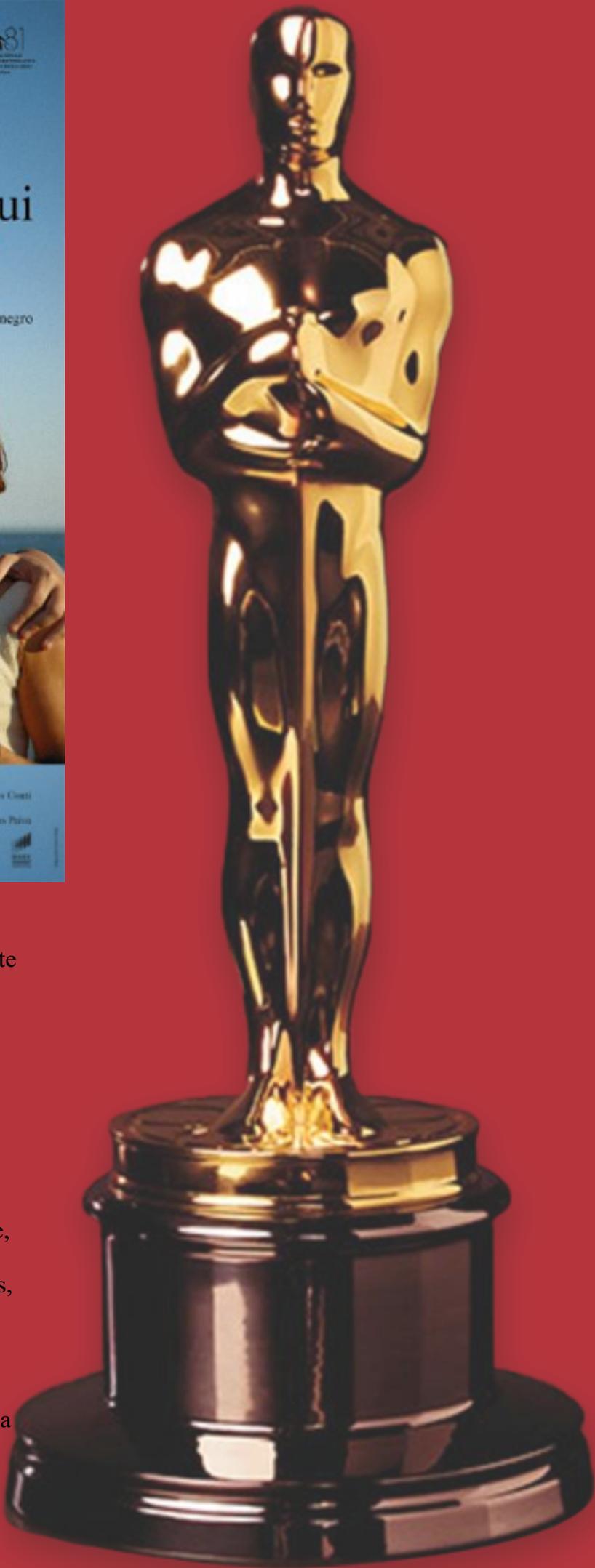
AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!

LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.

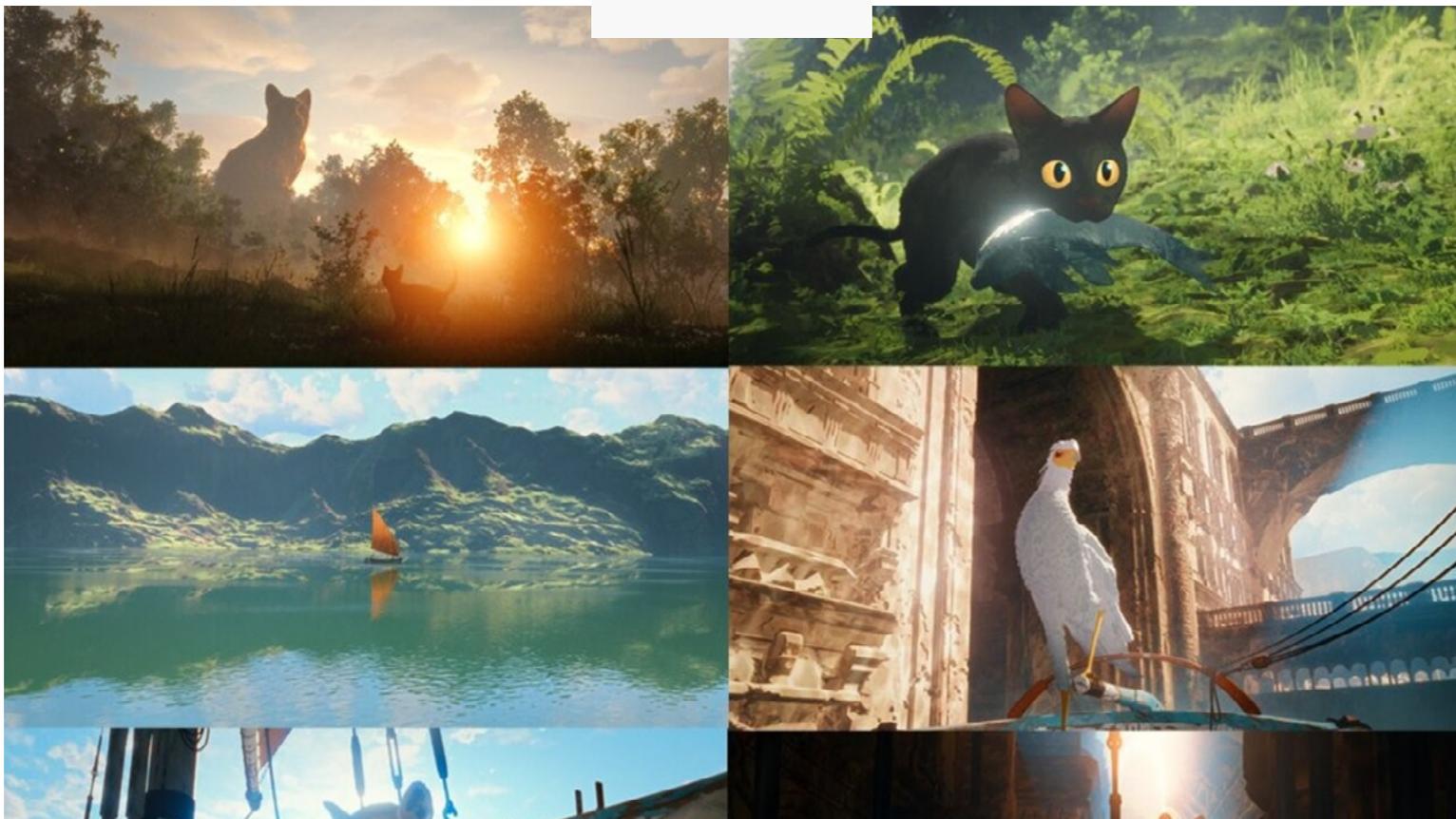


STF CONFIRMA:

**HOMOFOBIA
É CRIME!**



O Brasil ainda está aqui!
O cinema brasileiro escreveu mais um capítulo glorioso de sua trajetória ao conquistar, na noite deste domingo, o Oscar de Melhor Filme Internacional com *Ainda Estou Aqui*.
A vitória marca não apenas um reconhecimento merecido à potência criativa do nosso audiovisual, mas também reforça o impacto das histórias que ecoam nossa identidade, nossas dores e nossas resistências.
O filme arrebatou plateias mundo afora com sua narrativa envolvente e estética impecável, reafirmando que o Brasil possui um cinema pulsante, vivo e repleto de talentos. A obra transcende fronteiras ao abordar temas profundamente humanos, conectando-se com públicos de diferentes culturas, mas sem perder sua raiz genuinamente brasileira.
O Oscar de *Ainda Estou Aqui* não é apenas um troféu — é um símbolo da força do nosso cinema e um chamado para que a indústria nacional continue a crescer e se fortalecer.
Que essa vitória inspire novas produções, novos talentos e, sobretudo, novas políticas de incentivo à cultura.
O Brasil ainda está aqui — e o mundo está aplaudindo de pé!



https://www.em.com.br/emfoco/2025/03/08/blender-o-software-gratuito-que-transformou-a-animacao-flow-na-vencedora-do-oscar-2025/#google_vignette

Blender, o software gratuito que transformou a animação “Flow” na vencedora do Oscar 2025

Por Daniely Cardoso

Em 2025, a Letônia conquistou seu primeiro Oscar com o filme Flow, uma animação que surpreendeu ao vencer na categoria de Melhor Animação. O longa desbancou produções de grandes estúdios como Disney e Dreamworks, destacando-se por sua produção modesta e inovadora. Criado com o software de edição gratuito Blender, Flow representa um marco na democratização do cinema.

Dirigido e roteirizado por Gints Zilbalodis, Flow narra a jornada de um gatinho cinza e seus amigos em um mundo inundado. A produção chamou atenção não apenas pela qualidade, mas também pelo custo significativamente menor em comparação aos concorrentes. Enquanto Divertida Mente 2 e O Robô Selvagem tiveram orçamentos de centenas de milhões de dólares, Flow foi realizado com apenas 3,7 milhões de dólares.

O que é o blender e como ele foi utilizado em Flow?
O Blender é um software de edição de código aberto, amplamente utilizado nas indústrias de cinema, jogos e design. Ele permite a criação de modelagens 3D, animações e efeitos visuais. No caso de Flow, o Blender foi o principal software de criação, utilizado por uma equipe reduzida e altamente dedicada.

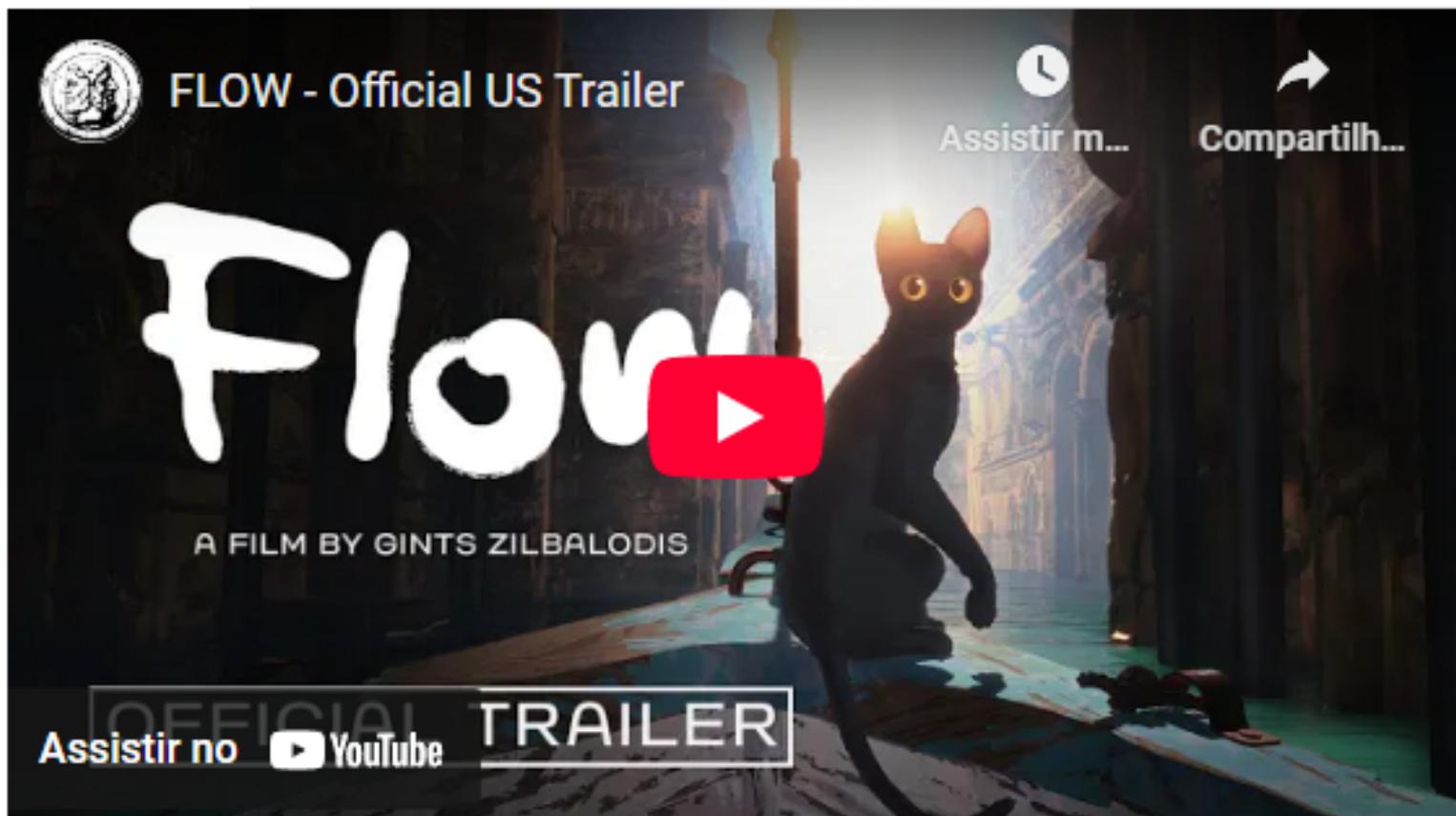
Gints Zilbalodis passou cinco anos e meio desenvolvendo o projeto, dedicando o primeiro ano ao roteiro e ao aprendizado do Blender. A partir de 2020, a edição do filme começou, destacando-se pela personalização e rapidez do software. O Blender permite a criação de plugins personalizados, o que foi crucial para a equipe, que se especializou em diferentes aspectos do filme, como a edição da água e dos pelos dos animais.

Como flow contribui para a democratização do cinema?
A vitória de Flow no Oscar simboliza uma mudança significativa na indústria cinematográfica. O uso do Blender, um software acessível e gratuito, demonstra que produções de alta qualidade podem ser realizadas com orçamentos modestos. Isso abre portas para cineastas independentes e pequenas equipes ao redor do mundo, promovendo uma maior inclusão e diversidade no cinema.

A equipe de Flow foi pequena, mas altamente colaborativa, com cada membro contribuindo para o aprendizado e a execução do projeto. O diretor Zilbalodis destacou que muitos dos recursos do Blender foram aprendidos através de tutoriais online, mostrando que o conhecimento está mais acessível do que nunca.

Quais são as implicações futuras para a indústria cinematográfica?
A vitória de Flow sugere que o futuro do cinema pode ser mais inclusivo e diversificado. Com ferramentas como o Blender, cineastas de diferentes partes do mundo podem contar suas histórias sem a necessidade de grandes orçamentos. Isso pode levar a uma maior variedade de narrativas e estilos, enriquecendo a experiência cinematográfica global.

Além disso, a utilização de software de código aberto pode incentivar a inovação e a criatividade, permitindo que mais pessoas experimentem e desenvolvam novas técnicas de animação e edição. A vitória de Flow é um lembrete poderoso de que a criatividade e a dedicação podem superar barreiras financeiras, inspirando uma nova geração de cineastas.



<https://www.youtube.com/watch?v=ZgZccxuj2RY&t=3s>

FESTIVAL ARAUCÁRIA DOS CAMPOS GERAIS

02 ATE 08
JUNHO.2025

CINEMA · AUDIOVISUAL · MOSTRAS



O FESTIVAL

De 2 a 8 de junho de 2025, Ponta Grossa (PR) se tornará o palco do 1º Festival Araucária dos Campos Gerais, um evento dedicado à celebração e ao fomento da arte cinematográfica.

O festival reunirá produções audiovisuais de diversas regiões, promovendo a exibição, distribuição e valorização do setor.

A programação contará com mostras competitivas, sessões itinerantes em escolas e projetos sociais e oficinas, ampliando o acesso ao audiovisual e incentivando novas narrativas.

Venha fazer parte dessa experiência!



Produções realizadas integralmente na região dos Campos Gerais e por produtores/as da região dos Campos Gerais.



Produções realizadas integralmente no estado do Paraná.



Curtas e médias metragens de produções nacionais.

<https://www.festivalaraucaria.com/>



CULTURA



MINISTÉRIO DA CULTURA



PARANOÏD FILMES & GLOBO FILMES
APRESENTAM

PÂMELA
GERMANO

ISAMARA
CASTILHO

GAIO
HOROWICZ

PHILIPP
LAVRA

GABRIELA CARNEIRO
DA CUNHA

JULIANNA
GERAIS

A BATALHA DA RUA MARIA ANTÔNIA



ROTEIRO E DIREÇÃO
VERA EGITO

Roteiro e Direção VERA EGITO Direção de Fotografia e Câmera WILLIAM ETCHEBEHRE Produção EDISTO BETTI, MANOEL RANGEL, HEITOR DHALLA
Produção Associada DIANA ALMEIDA e JOSÉ ALVARENGA JR. Produção Executiva DIANA ALMEIDA e LUCIANO SALIM Diretora Assistente FABIANA WINITS 1º Assistente de Direção RENATA RACY
Direção de Produção MARINA GUGLIEMMO Produção de Elenco ANNA LUIZA PAES Direção de Arte VALÉRIA COSTA Figurino ALINE CANELLA Montagem JULIA ZAKIA Música ANTONIO PINTO
Som Direto JULIANO ZOPPI Desenho de Som e Mixagem MARTÍN GRIGNASCHI (MPSE) (A3pS) e MARIÁ FLORENCIA GONZALEZ ROGANI
Coordenação de Pós-produção AMINHA GONÇALVES Supervisão de Pós-produção DEINHA LOPES Abertura e Cartazes EDU HIRAMA Foto Cartaz RAFAEL BARION



Cultura na USP #80: A Batalha da Rua Maria Antônia estreia nos cinemas
O filme resgata um dos episódios mais marcantes da luta estudantil durante a ditadura militar

Por Elcio Silva

Em 1968 alunos da USP e da Universidade Mackenzie se enfrentaram na rua Maria Antônia, na vila Buarque, região central de São Paulo. A vice-reitora da USP Maria Arminda do Nascimento Arruda lembra dos acontecimentos e desdobramentos históricos daqueles dias, que estão retratados no filme “A Batalha da Rua Maria Antônia”. A diretora Vera Egito e a atriz Julianna Gerais conversam sobre a produção do longa-

metragem, que vai ser exibido em uma sessão especial do Centro MariAntônia.

Cultura na USP

Cultura na USP é uma parceria entre a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária e a Superintendência de Comunicação Social. Vai ao ar toda quinta-feira, às 14h, pela Rádio USP FM 93,7Mhz (São Paulo), Rádio USP FM 107,9Mhz (Ribeirão Preto) e também por streaming. As edições do programa estão disponibilizadas nos podcasts do Jornal da USP(jornal.usp.br) e nos agregadores de áudio como Spotify, iTunes e Deezer.



ACADEMIA DE CORDEL DO VALE DO PARAÍBA

<https://www.academiadecordel.com.br/vitoria-para-a-cultura-literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-da-paraiba/>

Vitória para a Cultura: Literatura de Cordel é Reconhecida como Patrimônio Cultural da Paraíba

A Literatura de Cordel acaba de ganhar um importante reconhecimento na Paraíba. Graças ao esforço da Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVPB) e do engajamento de figuras como o presidente Merlânio Maia, Bento Junior, Arnaldo Mendes, Dalmo de Oliveira e Iam Pontes, a deputada Cida Ramos apresentou e encampou o projeto de lei que reconhece a Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural e Imaterial da Paraíba. Esse é um marco significativo para os cordelistas e para a cultura popular do estado, pois a nova legislação facilitará a implementação de projetos voltados à valorização e difusão dessa arte tão enraizada na identidade nordestina. A Literatura de Cordel tem origens que remontam a mais de cem anos no interior da Paraíba. Seu maior precursor, Leandro Gomes de Barros, natural de Pombal, é considerado o “Pai do Cordel brasileiro”.

feiras, tornando-se um verdadeiro fenômeno popular. Leandro Gomes de Barros conseguiu viver exclusivamente dessa arte, construindo um legado que permanece vivo até os dias de hoje.

A aprovação do projeto de lei representa um passo essencial para a preservação e fortalecimento da tradição do cordel, garantindo que as novas gerações tenham acesso e incentivo para manter viva essa expressão cultural. Além disso, um novo projeto de lei relacionado ao cordel está em tramitação, o que pode trazer ainda mais avanços para a valorização da literatura popular paraibana.

Aguardemos os próximos capítulos dessa história, agora oficialmente reconhecida como parte do patrimônio cultural da Paraíba!

divulgação



Embora muitos apontem influências europeias na forma narrativa, o cordel nordestino consolidou-se como uma expressão única, retratando a vida, os costumes e as lutas do povo sertanejo. No passado, os livretos eram produzidos em papel jornal e vendidos em



Crítica | Romances de Cordel, de Ferreira Gullar

Cordel, militância e sociedade.

divulgação



Por Luiz Santiago Em *Romances de Cordel*, temos uma coletânea que reúne quatro narrativas de Ferreira Gullar, escritas entre os anos de 1962 e 1967, durante sua participação ativa no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Nesses poemas, Gullar aborda, de forma direta, questões sociais e políticas, dando voz ao trabalhador humilde, ao homem do campo, à mulher da favela e ao oprimido que clama por seus direitos básicos, mas que são massacrados pela mão armada do Estado ou pelas condições de vida nas quais esse Estado burguês os força a viver.

A opção pelo cordel, uma forma de poesia que tem raízes profundas no Nordeste, mostra o quanto o autor se alinha com as causas populares, usando uma linguagem simples e rimas de cadência mais confortável, apresentando-nos poemas

que expõem situações (infelizmente) corriqueiras no Brasil, mas com forte centelha de esperança, gerada pela militância política, que o autor incentiva. Gosto muito das xilogravuras de Ciro Fernandes, na edição da editora José Olympio: um projeto estético que traz um toque perfeitamente alinhado à proposta do volume, tanto naquilo que está desenhado (a materialidade do sofrimento e da luta), quanto na concepção cultural dessa produção, que faz um perfeito par com o cordel.

Se existe algo que acaba diminuindo parte do valor desse material é, certamente, o seu propósito de criação panfletário. A arte de propaganda sempre gera olhares tortos de algumas pessoas, mas é inegável que esse tipo de abordagem tem seu valor... e é necessária. O que não significa que todos os exercícios de mobilização (nesse caso,

através de versos) sejam bons do início ao fim, ou funcionem verdadeiramente como produto artístico bruto. Parte dos cordéis deste livro são excelentes, mas muitas estrofes perdem o brilho do verso para dar espaço ao chamado revolucionário puro e simples. Pessoalmente, gosto mais de engajada que trabalha questões ao menos um pouco indiretamente, todavia, entendo o propósito dessas narrativas de Gullar, bem como o tom e o conteúdo que o autor escolheu para figurar em seus versos.

Nos deparamos aqui com histórias de quem está à margem da sociedade e passa pelas mais terríveis provações e humilhações (Quem Matou Aparecida? – História de uma Favelada de Ateou Fogo às Vestes); de um militar e, depois, político perseguido pela ditadura (História de um Valente, meu cordel favorito do volume, juntamente com Quem Matou Aparecida?); de um sertanejo que milita pela causa dos peões, é demitido, e não consegue mais emprego em nenhuma fazenda (João Boa-Morte, Cabra Marcado Pra Morrer); e de quem luta contra a dominação cultural dos Estados Unidos (Peleja de Zé Molesta Contra Tio Sam). É um conjunto múltiplo de realidades, tons dramáticos e atores sociais em cena, permitindo ao leitor acompanhar a verve do autor em cenários e conflitos distintos, bem como perceber as diferentes maneiras de submissão a que a classe trabalhadora, a arte popular e os militantes contra o abuso são submetidos.

Todas essas histórias de luta são seguidas por linhas de superação e de um chamado à ação política, ressaltando a importância da organização nas bases locais, e como uma rede de solidariedade e empenho social, nos bairros e cidades, pode começar a fazer a diferença na vida dos trabalhadores. Em termos poéticos, é nesse aspecto que temos versos com valor mais “barato”, pois expõem o apelo ideológico sem rodeios, como um jingle bem escrito,

mas, como já aponte, são momentos que não conseguem se sobressair a todo o restante da construção narrativa do autor, que é realmente muito boa. Cotidiano e revolução (ou a necessidade desta) se fundem nas histórias de Romances de Cordel, em contextos que mostram os motivos que as massas têm para lutar, as armas que podem utilizar e como podem vencer seus algozes, que estão em número bem menor. É o retrato de um lado do Brasil que encontramos até os dias de hoje, o que faz esses chamados poéticos terem importância didática a longo prazo: versos-arma que não serão esquecidos. A poesia de Gullar é um grito às ruas, à união com outros indivíduos na mesma situação, à irmandade militante e empática que, mesmo cheia de contradições, une forças para lutar contra desigualdades. Entre rimas que encantam e palavras que revoltam, o poeta deixa claro que literatura boa é aquela que não vira as costas para as dores (e às vezes às esperanças) do povo, trazendo o fogo e a forma de controlá-lo, quando for preciso.

Romances de Cordel (Brasil, 2009)

Autor: Ferreira Gullar

Desenhos (xilografuras): Ciro Fernandes

Editora: José Olympio (2009)

96 páginas



Luiz Santiago

Especialista em Cronoanálise Aplicada e Metanarrativas Interdimensionais. Formado em Magia de Clio (Casa Corvinal) e pós-doutorado em Psicohistória Avançada (Fundação Seldon). Portador do Incal, atuou como historiador-chefe em Astro City, mapeando civilizações através de críticas. Em exílio interdimensional, desenvolvi protocolos de resistência psíquica e hoje coordeno operações linguísticas na Torchwood, decifrando sistemas de comunicação audiovisual e pluri-literária. Minha TARDIS é uma base operacional para simulações estratégicas da Agência Alfa, convertendo crises cósmicas em modelos previsíveis sob o ponto de vista Mystère. Também coordeno a transição para Edena em colaboração com o Dr. Manhattan, mudando o eixo ontológico universal para ascender ao encontro definitivo com a Presença.

PATRIMÔNIO IMATERIAL

Maracatu Nação pode se tornar patrimônio cultural da humanidade



Foto: Divulgação/Iphan

<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/maracatu-nacao-pode-se-tornar-patrimonio-cultural-da-humanidade>

Governo Federal entregou à Unesco dossiê que será avaliado para reconhecimento internacional do bem cultural

A candidatura do Maracatu Nação à Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade está oficializada. Nesta segunda-feira (31), o Governo Federal, por meio do Ministério da Cultura (MinC) e do Ministério das Relações Exteriores (MRE), entregou à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) o dossiê que será avaliado pelo Comitê Intergovernamental da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial do órgão. O documento foi

elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e pelas comunidades detentoras do bem cultural, registrado como patrimônio cultural do Brasil em 2014.

Em 2021, mestres detentores da forma de expressão representados pela Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (Amanpe) e pela Associação dos Maracatus de Olinda (AMO) solicitaram apoio do Governo do Estado de Pernambuco para a formalização do pedido ao Iphan. “É uma das manifestações culturais mais antigas de Pernambuco, originária do povo negro, da cultura de terreiro. Historicamente, sofremos com perseguições contra grupos de Maracatu. Esperamos que o reconhecimento internacional traga mais formas de salvaguarda, porque o Maracatu não é só diversão, o Maracatu salva vidas, é ferramenta social. Esperamos que os

governos locais valorizem mais os fazedores de cultura”, disse o presidente da Amanpe, Fábio Sotero.

O Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, órgão colegiado de decisão máxima do Iphan para registros e tombamentos de bens culturais, no segundo semestre de 2024, aprovou a indicação da candidatura do Maracatu Nação à Lista Representativa da Unesco. Agora, com a documentação entregue, a expectativa é que a organização aprecie a candidatura do bem cultural até o final de 2026.

Para entrar na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da Unesco, a candidatura deve seguir alguns critérios, como o bem cultural ser registrado como patrimônio imaterial pelo Iphan; ter um plano de salvaguarda elaborado; e garantir o envolvimento dos detentores do bem cultural no processo.

“O Maracatu Nação é uma forma de expressão profundamente enraizada na história e identidade afro-brasileira. Sua prática envolve rituais, tambores de tom profundo, cortejos reais e personagens simbólicos que celebram a ancestralidade e a diversidade cultural do Brasil, ao mesmo tempo em que também é um símbolo da resistência e criatividade dos povos africanos escravizados que chegaram ao País durante o período colonial”, destacou o presidente do Iphan, Leandro Grass. “As tradições centenárias do Maracatu Nação promovem a inclusão social, o diálogo intercultural e o empoderamento de comunidades periféricas historicamente marginalizadas”, afirmou.

A diretora-presidente da Fundarpe, Renata Duarte Borba, destacou que o Maracatu Nação agrega os elementos da diversidade e identidade pernambucanas, e que seu reconhecimento internacional pode assegurar que os detentores possam ter acesso a oportunidades além dos limites de seus territórios. “O reconhecimento de uma prática com raízes de matrizes afro ajuda a dar continuidade às práticas relacionadas ao bem cultural, inclusive para as gerações futuras, tendo em vista que essas práticas sociais e culturais associadas à população de ascendência africana

no Brasil merecem destaque, devido às lacunas ainda existentes e resultantes dos anos de história ignorada”, disse.

Atualmente, existem 7 bens culturais do Brasil inscritos na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade:

Modos de Fazer o Queijo Minas Artesanal - 2024

Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão - 2019

Roda de Capoeira - 2014

Círio de Nazaré: procissão da imagem de Nossa Senhora de Nazaré na cidade de Belém (Estado do Pará) - 2013

Frevo: arte do espetáculo do carnaval de Recife - 2012

As expressões orais e gráficas dos Wajapis - 2008

Samba de Roda do Recôncavo Baiano - 2008

Maracatu Nação

Também conhecido como Maracatu de Baque Virado, o Maracatu Nação é uma manifestação artística da cultura popular e carnavalesca da Região Metropolitana do Recife (PE), em que um cortejo real desfila pelas ruas, acompanhado de um conjunto musical percussivo. Composto majoritariamente por negros e negras, os maracatus nação podem ser remontados às antigas coroações de reis e rainhas do antigo Congo africano.

Marcada por musicalidade, dança e fé, a manifestação reúne aspectos brasileiros e de matriz africana e é reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil desde dezembro de 2014, sendo inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão.

Categoria

Cultura, Artes, História e Esportes

Tags: IPHAN

CONDE e ITABAIANINHA



divulgação



divulgação



Por Aldo Moraes
Especial para a REVISTA D'ARTE

No último mês tive estreito contato com dois municípios bem interessantes: um localizado no Sul Sergipano e outro no interior da Bahia: respectivamente Itabaianinha e Conde. Conde acumula um enorme legado na tradição do samba, carnaval, festejos juninos, celebrações culturais relacionadas a quaresma e um turismo vocacionado à natureza, ecologia, religiosidade católica, patrimônio material e arte/cultura. Itabaianinha é a cidade dos anões, da moda e o famoso pirão de Capão de Maria (reconhecido como patrimônio gastronômico do Estado de Sergipe).

Itabaianinha encontra-se na região do Vale do Rio Real do Estado de Sergipe. É o segundo maior município da região com 45 mil habitantes. Esta cidade destaca-se na economia do estado, em

virtude do grande número de indústrias têxteis, de médio porte. Há um grande número de cerâmicas de médio e grande porte (destaque para a produção de telhas e blocos), oferecendo diversos empregos diretos ou indiretos. O solo do seu município é riquíssimo em argila e há destaque também na plantação de laranjas e criação de carneiro.

Esta cidade ficou famosa por ter um grande número de anões nos seus povoados (com destaque para o povoado Carretéis), e na Zona Urbana. São cerca de 128 anões. Este número é grande devido a formação de famílias entre eles, o que contribuiu para o crescimento da população de anões.

Culturalmente, Itabaianinha possui uma forte tradição com carnaval de escola de samba que movimenta os povoados rurais, desde a formação de novos integrantes com trabalho ao longo do ano com a escola mirim até a economia criativa com costureiras, cozinheiras, decoradores e motoristas. O cenário musical, portanto, é bastante fértil com presença de bandas musicais, artistas e cantores (as) solos e grupos instrumentais.

Muito próximo a Indiaroba (SE), o município de Conde (BA) está situado na região geográfica do Litoral Norte da Bahia e possui cerca de 26 mil habitantes. O bioma do território é a Mata Atlântica. O clima da região é úmido a subúmido e úmido. O Conde, com suas belíssimas praias, faz parte de uma das zonas turísticas mais famosas do estado da Bahia, inclusive do Brasil, chamada de Costa dos Coqueiros. É umas das opções de turismo nacional.

O Sítio do Conde é um dos pontos mais procurados por concentrar a maioria das pousadas locais e uma grande infraestrutura turística. Ele fica a 6 km da sede do Conde e a 9 km da Linha Verde, com acesso totalmente asfaltado.

Por se tratar de uma antiga vila de pescadores, o ambiente deste lugarejo mistura uma rusticidade e sofisticação que encanta o visitante.

Siribinha, que fica no Sítio do Conde, tem duas praias de muita atração turística: A praia de Siribinha, e a Praia da Barra de Siribinha. Para ir de Siribinha para a Barra de Siribinha é necessário fazer uso de uma embarcação.

Os primeiros habitantes do Conde foram os índios tupinambás, e teve uma dominação similar a de vários outros municípios do Brasil. Com a concessão de Garcia D'ávila, colonos portugueses exploram as terras e a partir disso criou-se o

povoado de Itapicuru de Baixo, que se tornou em uma freguesia em 1792 com a edificação da igreja de Nossa Senhora do Monte de Itapicuru da praia. No ano de 1806, a então freguesia foi elevada à categoria de vila, com o nome de Vila do Conde.

As belezas naturais do sítio do Conde são de encher os olhos a começar pela passarela da cerveja (com serviços de comidas, bebidas e petiscos e espaço de lazer e cultura), suas praias paradisíacas, igrejas históricas e a força de sua arte e cultura.



divulgação

O calendário cultural se confunde com o turismo de um dos grandes destinos do Brasil e tem relevância com festas ao longo de todo o ano, como as festas de Santo Antônio, lavagem do Bonfim, Nossa Senhora da Conceição, carnaval e semana da consciência negra onde se destacam blocos afros, os mascarados, artesanato, música, dança e literatura. Pelo Conde já circularam personalidades como Chico Anysio, Caetano Veloso, Sonia Braga, Jorge Amado, Cacá Diegues e recentemente o município teve participação no documentário Saberes da itinerância, dirigido por Mateus dos Anjos, coordenador de Artes Circenses da Fundação Cultural do Estado da Bahia. O documentário retrata o modo de vida dos artistas de circo, foi produzido em 2024 e exibido no Conde em março deste ano. Pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=9vbpTyhsgmA>

Aldo Moraes

MTB 0010993/PR



divulgação



divulgação



divulgação



divulgação



VAGNER XAVIER
ESCRITOR
PARANAENSE
LANÇA NOVO
LIVRO NA
ITÁLIA

O escritor e poeta Vagner Xavier celebra mais um marco em sua carreira com o lançamento de seu novo livro, "E chi potrebbe tollerare quel cielo" ("E quem poderia tolerar aquele céu"), publicado pela editora italiana Edizioni WE. A obra, que conta com 102 páginas, reúne poemas inéditos e alguns já publicados em outros livros do autor, consolidando sua trajetória literária em território internacional.

A tradução dos poemas para o italiano foi realizada pela escritora Simona Adivincula, enquanto o editor Nicola Bergamaschi garantiu a qualidade editorial do projeto. A edição conta ainda com a apresentação assinada por Aldo Moraes, prefácio de Tiago Rafael e uma capa especialmente criada pelo artista plástico Luan Lima. O livro está à venda na Amazon italiana e, em breve, também no site da Edizioni WE.

Sobre Vagner Xavier

Vagner Xavier é escritor, poeta, colunista da revista D-arte, do jornal Filosofar e do programa Mix Cultural Itália-Brasil da Rádio Brasil Som. Além disso, atua

como gerente de projetos e integra diversos coletivos literários.

Com uma carreira marcada por reconhecimento e prêmios nacionais e internacionais, o poeta já lançou oito livros, entre eles Mais uma noite (2012), Agridoce (2013), Águas Caladas (2015) e Essas belas nuvens brancas no céu só agridem os olhos (2022). Seu trabalho atravessa fronteiras e idiomas, reforçando sua presença na literatura contemporânea.

Membro de seis academias de letras, incluindo a Academia Internacional de Literatura Brasileira (EUA) e a Academia de Letras do Brasil/Seccional Suíça, Vagner continua expandindo sua produção e consolidando sua trajetória no cenário literário.

Com "E chi potrebbe tollerare quel cielo", o autor reafirma sua vocação poética e amplia seu diálogo com leitores ao redor do mundo.

contatos com Vagner Xavier 43 99972-6653

Texto de Rafael Carreri

Assessoria de comunicação Aldo Moraes MTB 0010993/PR

divulgação





Entrevista Vagner Xavier - por Aldo Moraes

Olá Vagner Xavier é uma satisfação te receber na revista D'arte para conversarmos sobre literatura, sociedade e cultura. Fale um pouco sobre a sua infância e como se deu os primeiros contatos com a poesia.

Qual foi a primeira publicação de um poema seu, foi em jornal, revista ou na escola? E como foi sua emoção?

A primeira publicação de algum poema meu foi em um concurso literário, Das palavras-Volume 1, pela Editora Guemanisse, do Rio de Janeiro, no ano de de 2010.

Foi uma emoção muito grande ter o poema classificado e publicado no livro.

Quais são suas influencias literárias, seus poetas preferidos?

Minha principal influência literária vem da geração Beat e meus poetas preferidos são: Jack Kerouac, Charles Bukowski, Allen Ginseng, Lawrence Ferlinghetti, Diane Di Prima, Florbela

Espanca e Paulo Leminski.

Você participa de prêmios literários e tem publicado por editoras. Fale um pouco sobre estas experiências.

Isso de participar de prêmios literários foi muito no começo da minha carreira, foi bom que ganhei alguns, posso citar eles aqui:

Prêmio Luso Brasileiro Melhores Poetas de 2013-Organização: Editora Mágico de Oz-Ilha da Madeira-Portugal-Ano: 2013;

3º lugar no concurso relâmpago Cultura Revista no ano de 2011;

Melhor Cronista do ano, pela Literarte: Associação Internacional de escritores e Artistas plásticos, Prêmio Claudio de Souza Petrópolis RJ no ano de 2012;

Prêmio Intercultural Latino Americano 2013 pela Academia de letras de Goiás, ABRAMES – Academia Brasileira de Médicos Escritores, Literarte: Associação Internacional de escritores e artistas plásticos em Buenos Aires, Mendonça e Rosário, Argentina;

Foi muito bom participar destes concurso e ter vencido alguns deles pra me lançar no cenário nacional e internacional.

Vagner, como você enxerga o racismo estrutural em nossa sociedade. E como define o espaço ao negro.

Infelizmente ainda existe o racismo em nossa sociedade, mesmo com todas essas leis, ainda existe, isso é muito triste.

O negro só é valorizado e respeitado somente se ele se destaca ou tem uma boa condição social e intelectual, caso contrário somos muito marginalizados pela sociedade.

Como você vê o movimento cultural de Londrina e região?

Bem diferente de onde vivi por uns anos, Florianópolis-SC, claro, não tem como comparar Londrina com Florianópolis, pois vivia na capital catarinense, lá existem diversos eventos culturais, coisas voltadas para literatura, Sarais, encontros literários, enquanto aqui temos poucos eventos literários, como o Londrix, tem o projeto Dedo de Prosa que é extremamente importante, temos a Semana Literária do Sesc e agora a FLIL, Festa literária de Londrina.

Vejo o movimento literário em Londrina, classifico como bom e quero parabenizar a Chris Vianna e Edra Moraes, Samantha Abreu, Rafael Silvaro que fazem um excelente trabalho e movimentam a cena cultural na cidade de Londrina.

Por fim, Vagner te damos os parabéns por integrar a equipe da revista D'arte a partir da próxima edição. E deixo a palavra livre para você se dirigir aos nossos leitores. Obrigado pela entrevista

Quero agradecer pela oportunidade de falar um pouco sobre minha literatura e deixo um grande abraço para todos os leitores e organizadores da Revista D-arte e convido s todos para conhecer e adquirir meus livros entrando em contato comigo nas minhas redes sociais!



A história do Sarau Artístico Literário

A escritora e professora
Leonilda Bissochi de
Cambé-PR.



Por José Antônio Xavier

A história do Sarau Artístico e Literário, realizado pela escritora Leonilda Aparecida Bissochi de Freitas, é uma história de paixão e dedicação. Leonilda é uma professora aposentada pelo Estado, que lecionou na Faculdade Faccar de Rolândia, Paraná. Natural de Cambé, Paraná, ela é autora de 7 livros publicados e é casada com José Wanderlei de Freitas, com quem tem três filhas e três netas.

Realizei uma entrevista com a professora Leonilda, onde ela compartilhou suas experiências e motivações para criar o Sarau.

O que é o Sarau?

O Sarau é uma reunião de pessoas que compartilham interesses artísticos e literários. É um grupo que reúne escritores, poetas, músicos, artistas e artistas plásticos, que se encontram em diferentes espaços, como casas, praças, salões, bares, cafés, centros culturais e museus.

Como surgiu o Sarau?

Leonilda realiza o Sarau há 22 anos, com documentos e atas que registram a história do evento. Embora a presença não seja obrigatória, há uma regra importante: não é permitido o consumo de bebidas no local do evento.

O que motivou Leonilda a criar o Sarau?

A motivação de Leonilda vem desde a infância, quando ela gostava de ler e se interessava por artes. Em sua casa, sempre havia movimento de pessoas que compartilhavam esses interesses. Com o tempo, a ideia de criar um evento para reunir essas pessoas se tornou realidade.

Teve apoio do município?

 Leonilda sempre teve o objetivo de ajudar as pessoas e realizar algo pela comunidade, independentemente de movimentos políticos. No passado, o Sarau foi realizado em escolas do município, com eventos para crianças e adolescentes. Embora não tenha sido procurada recentemente, Leonilda está sempre à disposição para colaborar com entidades que desejam realizar o evento.

Por que o Sarau é importante?

O Sarau é uma oportunidade para pessoas que têm talento e criatividade, mas não têm uma plataforma para se expressar. Leonilda acredita

que existem pessoas "escondidas" que querem mostrar seu trabalho e desenvolver sua arte. Sempre que possível, ela está à disposição para ajudar a promover a cultura e o desenvolvimento artístico.

Foi um grande prazer realizar essa entrevista com a escritora Leonilda Bissoqui!

Bibliografia:

Leonilda Aparecida Bissoqui de Freitas é uma professora e escritora renomada. Após uma carreira de sucesso como professora, ela se aposentou e deixou um legado na educação. Durante sua trajetória, lecionou na Faculdade Faccar de Rolândia, Paraná, onde compartilhou seu conhecimento e experiência com muitos alunos.

José Antônio Xavier, aposentado como servidor público. Tenho uma longa trajetória de liderança, tendo sido presidente da Associação dos Operários Municipais de Cambé, Paraná, Vicentinos por mais de 40 anos. Além disso, fui vice-presidente da Conferência São João Batista.

Atualmente, estou cursando Jornalismo no segundo semestre e Contabilidade há um mês na faculdade Unicessumar de Cambé.

Minha experiência profissional inclui:

- Locução na Rádio Cultura de Rolândia (2 anos)
- Locução e recepcionista na Rádio Cidade de Cambé (1 ano e meio)
- Fundador e proprietário do escritório de assessoria de imprensa AIF 60, com curso de Jornalismo de Assessoria de Imprensa pela AIF (5 anos).

Celular: 43 99653-5666

Instagram José Antônio Xavier

Facebook José Antônio Xavier

YouTube zezinho Xavier 55@gmail.com

E-mail xavierjoseantonio352@gmail.com

Revisão : Vagner Xavier

A LUTA DE ANA MAE BARBOSA POR DIREITO À ARTE NA EDUCAÇÃO GANHA EXPOSIÇÃO

Em cartaz até 13 de julho, *Ocupação* do Instituto Itaú Cultural, em São Paulo, reúne documentos, fotos, vídeos e objetos pessoais que contam a trajetória da professora da USP pioneira da arte-educação no Brasil



Imagens em cartaz na Ocupação Itaú Cultural mostram a professora Ana Mae Barbosa em aula de pintura corporal na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP em 1981- Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Texto: Luiz Prado

Arte: Beatriz Haddad**

Na noite de 2 de abril, quarta-feira, o saguão do Instituto Itaú Cultural, na Avenida Paulista, em São Paulo, estava praticamente intransitável. Mesmo na ponta dos pés, pouco se via além de cabelos brancos, grisalhos ou multicoloridos. Uma multidão – sem contar o grupo barrado pelos seguranças do lado de fora do prédio – se reunia para prestar homenagem à professora da USP Ana Mae Barbosa, uma das mais importantes educadoras do País, cuja trajetória é tema da 67ª Ocupação Itaú Cultural.

Tamanha era a quantidade de pessoas que o jornalista precisou acompanhar as palavras de abertura do evento a partir dos reflexos na janela do prédio. Tratava-se da demonstração literalmente calorosa de carinho por Ana Mae, prontamente retribuída:

“Eu estou com o meu mundo. Vocês são o meu mundo”, afirmava emocionada a educadora de 88 anos, reencontrando entre o público amigos, colegas de trabalho, alunos e ex-alunos, todos com as vidas impactadas pelas ações, palavras e ideias da homenageada.

Em cartaz até 13 de julho no Instituto Itaú Cultural, a Ocupação Ana Mae Barbosa celebra

o legado da professora referência no campo da arte-educação através da exibição de documentos, fotos, vídeos e objetos pessoais. São mais de 300 itens – alguns deles inéditos –, que retratam uma vida pautada pela luta por políticas públicas capazes de garantir o ensino de arte nas salas de aula do País. Com 70 anos de atuação e mais de 30 livros publicados, Ana Mae é Professora Emérita da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e professora da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. Foi a primeira doutora em Arte-Educação do Brasil e a primeira arte-educadora da USP. Ao longo de sua carreira fundou as chamadas Escolinhas de Arte, formou educadores, foi diretora do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP, organizou eventos e promoveu instituições voltadas para o fortalecimento da arte-educação.

Com curadoria de Clarissa Diniz e da equipe do Instituto Itaú Cultural, a Ocupação é a primeira da instituição que contou com arte-educadores em sua organização. Para Clarissa, tratou-se de “uma grande aventura emocional, intelectual e política”. A curadora diz que Ana Mae abriu sua casa e suas memórias, desejando, contudo, uma ocupação não sobre ela própria, mas sobre arte-educação.

“Foi fácil, porque Ana nunca andou sozinha”, declara Clarissa.



Ana Mae Barbosa e Paulo Freire na Semana de Arte e Ensino da USP, em 1980 - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Dimensão política

“Nossa intenção foi trazer uma dimensão política”, explica a curadora Clarissa Diniz a respeito da Ocupação. “Entender que a trajetória de Ana na arte-educação é uma trajetória política, que está focada na educação com arte, pela arte e para a arte, mas se inscreve em uma perspectiva mais ampla da luta política pelo direito à educação irrestrita e de qualidade no Brasil.”

Por isso, continua a curadora, a equipe privilegiou momentos da trajetória de Ana Mae considerados fundamentais para se entender as implicações políticas de seu pensamento e de sua luta, seja individual, seja coletiva. Dessa forma, procuraram fugir do que Clarissa chama de abordagens docilizantes ou infantilizantes da arte-educação, que consideram o campo como “coisa para criança”.

“Nós combinamos questões biográficas puxando para o Brasil, olhando especialmente

para momentos que Ana Mae viveu e foram importantes para a definição do que é arte-educação”, comenta. “Grande parte de sua trajetória coincide com movimentos importantes de introdução de certas discussões no campo da educação.”

Habitando o segundo andar do prédio do Itaú Cultural, a Ocupação revela esse momento a partir de oito eixos. O primeiro traz fotografias das formaturas de Ana Mae no magistério e no curso de Direito, tratando de sua passagem “da educação no direito” para o “direito à educação”. O próximo trata de suas grandes referências formativas, Paulo Freire e Noêmia Varela, responsáveis por gerar em Ana Mae a pergunta “Quem educará os educadores?”.



O terceiro eixo aborda uma das experiências mais bem-sucedidas de Ana Mae – as Escolinhas de Arte -, enquanto o quarto apresenta suas atividades nas políticas educacionais. O foco foi evidenciar a atuação de Ana Mae na organização de eventos como a Semana de Arte e Ensino da USP, em 1980, considerada um marco para a organização da arte-educação no País, e na coordenação do 14o Festival de Inverno de Campos do Jordão, realizado em 1983. Há espaço ainda para falar de seu papel na criação das Oficinas Culturais de São Paulo, em 1984.

A Ocupação destaca também a participação de Ana Mae em entidades representativas da educação e sua defesa da arte-educação como epistemologia da arte, disponibilizando os livros que escreveu para consulta do público. Uma outra sessão traz documentos e materiais do MAC, apresentando a passagem da educadora na diretoria do museu. Fechando o percurso de visita, a Ocupação desenha a imagem de Ana Mae como mãe, revelando como feminismo e afeto sempre andaram ao lado da pedagogia e da política em sua trajetória.

Para contar essa história, a exposição reuniu fotografias e documentos pertencentes ao acervo

pessoal de Ana Mae, exibidos pela primeira vez ao público. São materiais inéditos das Escolinhas de Arte, esboços conceituais da Escolinha de Brasília, planos de aula e fichamentos que revelam a construção de sua abordagem metodológica, além de um conjunto de caricaturas da educadora, produzidas por admiradores. Conta também com objetos pessoais, como alguns de seus quase 700 colares, colecionados em suas viagens ao redor do mundo e simbólicos de sua perspectiva multiculturalista. Cartazes de eventos e vídeos produzidos especialmente para a mostra completam o espaço.



Dentre os itens que compõem a Ocupação, Clarissa destaca a transcrição de uma palestra feita por Paulo Freire na abertura da Semana de Arte e Ensino da USP, em 1980. Considerado perdido pela própria Ana Mae, o documento foi encontrado durante as pesquisas para a exposição e está disponível no catálogo e no site da ocupação junto de outros materiais.

“O erro era de quem estava ensinando”

Ana Mae nasceu em 17 de julho de 1936 no Rio de Janeiro, mas se mudou para Recife, em Pernambuco, aos 3 anos de idade. Por isso, sempre se considerou pernambucana. Criada pela avó, foi lá que se formou, em 1960, na Faculdade de Direito do Recife, atualmente integrada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Antes de conseguir o diploma, porém, seu interesse já havia sido fagocitado pela educação. Não foi um caminho simples. Tendo feito o Magistério Primário no Instituto de Educação de Pernambuco, por exigência da avó, Ana Mae entrou em um curso preparatório para o concurso de professores da Secretaria de Educação de Pernambuco. Procurava um emprego seguro.

Mas, no curso, em 1954, acabou se tornando aluna do educador Paulo Freire (1921-1997). As ideias libertárias de Freire teriam impacto perene na jovem. No ano seguinte, ela começaria suas atividades como professora para nunca mais parar.

Suas primeiras lembranças da vida escolar, contudo, não foram boas. Na escola primária, lembra-se de uma aula em que a professora pediu aos estudantes para desenharem uma borboleta. Recolhendo os desenhos e mostrando-os para toda a classe, na vez de Ana Mae ela parou, olhou, não mostrou para ninguém, rasgou e jogou os pedaços na lata de lixo. “Eu fiquei traumatizada para desenho pela vida inteira, até encontrar Paulo Freire e Noêmia Varela”, conta.



“Escola vai dinamizar-se”, nota publicada no *Diário da Pernambuco*, com foto de Ana Mae Barbosa, em 12 de maio de 1964

Coleção Ana Mae Barbosa

Atividade de pintura na Escolinha de Arte do Recife, 1954

Autoria desconhecida
Coleção Escolinha de Arte do Recife

Crianças brincando no quintal da Escolinha de Arte do Recife, 1954

Autoria desconhecida
Coleção Escolinha de Arte do Recife



No curso preparatório, Paulo Freire propôs aos estudantes que escrevessem um texto contando por que queriam ser professores. Sem interesse pelo magistério, Ana Mae decidiu colocar no papel justamente por que não queria ser professora. No dia seguinte, Paulo Freire comentou os textos de todos os outros alunos e pediu para conversar com a estudante rebelde em particular. “Em poucas horas, ele me convenceu de que educação não era aquilo que eu tinha tido”, conta Ana Mae. Ela descobria que a educação poderia ampliar horizontes e levar a pensar, não sendo apenas simples assimilação de conhecimento. “Eu saí encantada, absolutamente encantada. O erro não tinha sido meu, o erro era de quem estava ensinando.”

No mesmo curso ela também teria contato com Noêmia Varela, criadora da Escolinha de Arte do Recife, instituição que seria decisiva para a formação de Ana Mae. A Escolinha fazia parte de um movimento de instituições de educação não formal, em um período em que a educação artística não era obrigatória nas escolas, surgido a partir da Escolinha de Arte do Brasil, fundada em 1948 no Rio de Janeiro.

Ana Mae formou-se na Escolinha de Arte do Recife, em 1953, tendo depois se tornado estagiária, professora e diretora da mesma instituição. Foi lá que teve contato com a educação artística. Depois, em Brasília, nos anos 1960, tentaria implantar uma dessas escolas, vinculada à Universidade de Brasília (UnB). O projeto, entretanto, foi abortado pelo golpe militar, em 1964, praticamente às vésperas da inauguração.

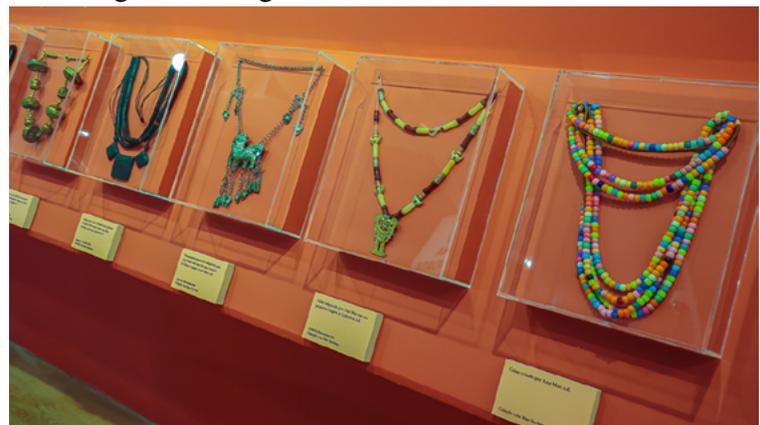
Com essas experiências na mala, Ana Mae chegaria a São Paulo – onde daria aulas em escolas do ensino fundamental e médio – em 1967. No ano seguinte, fundou a Escolinha de Arte de São Paulo, que funcionou até 1971. Em 1973, lembra a educadora, havia 144 dessas escolas espalhadas pelo País. Nelas, a capacidade de expressão através do desenho revelada pelas crianças deixava a educadora maravilhada.

A entrada na ECA como professora aconteceu em 1974, após um mestrado em Arte-Educação realizado na Universidade Estadual do Sul de Connecticut, nos Estados Unidos. A falta de especialistas em arte-educação e a rejeição

pelo tema levaram Ana Mae a buscar formação no exterior. Seria igual no doutorado, agora em Educação Humanística, feito em 1978 na Universidade de Boston, também nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, Ana Mae se tornava a primeira doutora em Arte-Educação do País. Pertence a ela a sistematização do que ficou conhecido como abordagem triangular da arte-educação, adotada como base conceitual para os parâmetros curriculares do ensino de artes no País. Trata-se de unir contextualização e conhecimento histórico das obras de arte, sua leitura crítica e produção artística dos educandos. De 1986 a 1993, Ana Mae se tornaria diretora do MAC, aplicando uma orientação multiculturalista na condução do museu e abrindo suas portas para inovações. Sua chegada não agradou a todos, já que a entrega da direção da instituição a uma arte-educadora, nordestina ainda por cima, não era vista com unanimidade.

Mas Ana Mae não se importou com as críticas. “Eu estava muito segura”, conta. “O problema é que estava segura, acho que até demais.” As temporadas de estudos nos Estados Unidos haviam colocado em sua bagagem o multiculturalismo, e a educadora estava ansiosa por disponibilizar o museu a outros códigos além da tradição europeia.

“Eu queria ensinar às elites que os códigos de arte afro e indígenas eram muito importantes para a nossa cultura.” Foi nessa perspectiva que organizou exposições sobre o carnaval, iconografias indígenas e o Candomblé, por exemplo. Sua gestão à frente do museu foi marcada também pela reestruturação da equipe de arte-educação, intensificando a formação de educadores e colocando em prática princípios da abordagem triangular.



Colares de Ana Mae Barbosa: com cerca de 700 peças obtidas em várias partes do mundo, coleção revela a perspectiva multiculturalista da educadora



A remontagem da obra “Artur Barrio e a física enquanto arte”, que integra a exposição “Formas das águas”.

Confira o depoimento do artista Artur Barrio sobre a remontagem da obra “Artur Barrio e a física enquanto arte”, que integra a exposição “Formas das águas”.

Desenvolvida a partir de uma experiência contínua de estar na água e viver no mar, a instalação inclui imagens e objetos que remetem à realidade da Baía de Guanabara e seus fluxos.

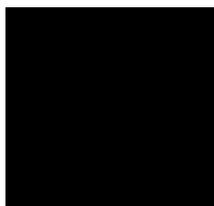
“Formas das águas”
Em cartaz até 1º de junho.

Quarta a domingo, de 10h às 18h.
Entrada gratuita.

Na próxima semana, o MAM Rio abrirá na segunda-feira, dia 21, feriado de Tiradentes.

Vídeo: Fabio Souza e Vitor Adnet
A exposição tem patrocínio da Petrobras e da Wilson Sons por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

Confira o depoimento clicando aqui



<https://www.instagram.com/p/DIjfmQTOUrX/>



<https://www.instagram.com/barrioartur/>

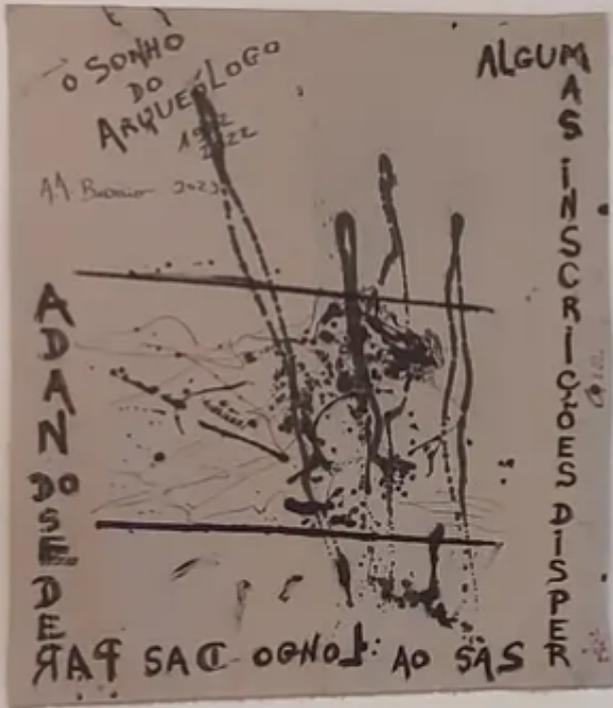
divulgação



divulgação



<https://www.instagram.com/barrioartur/>



divulgação

<https://www.instagram.com/barrioartur/>

Exposição no MAC apresenta as variadas formas e tendências do abstracionismo

Uma das mais importantes coleções de arte abstrata do Brasil está em exibição no Museu de Arte



A obra “Construção Vermelha” (1969), de Eduardo Villamizar, é representativa da tendência construtiva do abstracionismo – Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

“As razões que levam o artista à abstração são muito variadas. O abstracionismo é uma possibilidade de expressão artística que envolve muitas teorias, objetivos e processos diferentes entre si”, afirma a professora Heloisa Espada, do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP. Se a pluralidade é marca das obras abstratas, quais são os elementos que as aproximam? Esse é o questionamento proposto pela exposição *O Que Temos em Comum? Abstracionismos no MAC USP, 1940-1960*, da qual Espada é curadora. Inaugurada no dia 22 de março passado, a mostra – que ficará em cartaz até março de 2026 – apresenta ao público uma das mais importantes coleções de arte abstrata do Brasil, com cerca de 80 obras nacionais e internacionais, pertencentes ao acervo do museu. Além de variedade artística, as esculturas e quadros da exposição também carregam um simbolismo histórico: as obras expostas foram produzidas entre as décadas de 1940 e 1960, período após a Segunda Guerra Mundial marcado pelo crescimento de diversas vertentes abstracionistas. Segundo a professora, a contestação de noções recorrentes sobre o abstracionismo e a sugestão de relações não convencionais entre as obras são os principais objetivos da exposição. “Por um lado, a ideia é questionar a ideia de universalidade

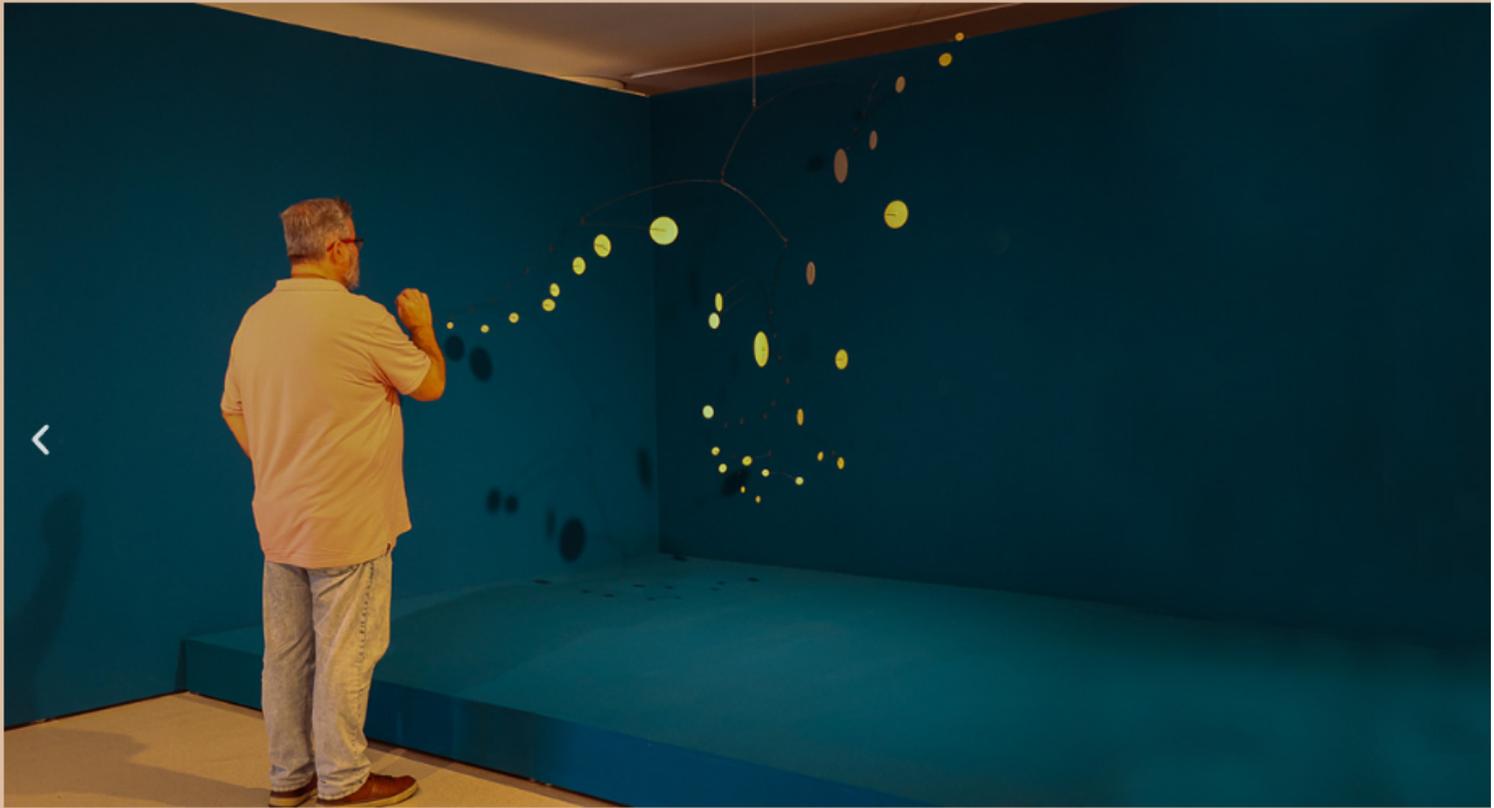
presente na abstração, que indica que pessoas de diferentes culturas e etnias interagem com a arte abstrata da mesma forma. Por outro, é levar o público a pensar como as obras reverberam entre si e ainda sensibilizam o espectador”, explica.



A professora Heloisa Espada, do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP - Foto: Reprodução/IMS

<https://jornal.usp.br/cultura/exposicao-no-mac-apresenta-as-variadas-formas-e-tendencias-do-abstracionismo/>

Entre linhas e curvas



O "Grande Móbile Branco" (1963), de Alexander Calder - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens



A variedade de pinturas e esculturas da exposição permite que os visitantes observem diversas relações entre as produções abstracionistas - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Ao adentrar a exposição, o visitante circula entre quatro espaços distintos, com variadas combinações entre obras. Desde a abordagem geométrica do abstracionismo, que faz uso de estruturas lógicas e racionais, como em *Construção Vermelha* (1969), de Eduardo Villamizar, até a forma lírica do movimento, que valoriza a subjetividade e a livre expressão, como em *Cabeça Trágica* (1957), de Karel Appel, o público observa diversas perspectivas da abstração. “Eu embaralhei trabalhos de artistas de diferentes grupos e épocas justamente para as pessoas se perguntarem o que há de comum

entre as obras. E que isso seja feito de uma maneira espontânea, e não somente seguindo os conceitos mais clássicos da história da arte”, comenta Espada.

No primeiro ambiente, obras da vertente geométrica encontram-se em destaque: o quadro *Sem Título* (1951), de Cícero Dias, mescla formas estruturadas com memória afetiva, já que, segundo a curadora, as cores vivas da pintura remetem à infância do artista em Recife (PE).



Nos diferentes ambientes da exposição, as obras estão organizadas de forma a dialogar entre si - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Já no segundo espaço, Espada ressalta a presença de esculturas e pinturas que constituem o núcleo concreto da exposição: obras como o *Grande Móvel Branco* (1963), de Alexander Calder, e *Polivolume* (1948), de Mary Vieira, se destacam ao olhar do público pela sua dinâmica de interatividade. “Calder cria um móvel que tem todo um planejamento e trabalha a ideia de equilíbrio. Ao mesmo tempo que é uma obra com linhas, placas e planos, também traz uma leveza, algo lúdico. A princípio, ela foi pensada para se movimentar a partir do vento e da própria interação com as pessoas”, detalha.

A arte em gravura e a predominância de artistas femininas marcam o terceiro ambiente da exposição. Em trabalhos como *Xilogravura III* (1956), de Maria Bonomi, e *5908* (1959), de

Fayga Ostrower, há a conciliação de elementos geométricos com traços gestuais, de modo a evidenciar a expressividade das artistas. “Na década de 1950, a gravura abstrata teve importância significativa no Brasil”, explica Espada.

Ao alcançar o último espaço expositivo, o público se depara com uma explosão abstracionista: obras que simbolizam a completa desconstrução da materialidade e o uso de traços agressivos dialogam com o íntimo do espectador. “Como muitas dessas obras surgem no período pós-guerra, elas representam a crise e a quebra de paradigmas. Aqui observamos gestos explosivos que apelam para a extrema individualidade, tratando de questões humanas mais amplas”, aponta.



"Polivolume", de Mary Vieira, trabalha a dinâmica de interação com o público - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens



As gravuras da artista Maria Bonomi simbolizam a conciliação entre as formas e os gestos - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Relevância histórica e artística
Segundo Espada, o conjunto das obras abstratas do MAC apresenta grande relevância histórica e artística em meio ao acervo do museu – instituição fundada em 1963, depois que a coleção do antigo Museu de Arte Moderna de São Paulo, então dirigido pelo empresário Francisco Matarazzo Sobrinho, foi doada à USP. Provenientes dos anos 1940 e 1960, as obras são representativas da extensa produção artística do segundo pós-guerra, marcada pela expansão e consolidação do abstracionismo em diversos países. “Dada a intensa perseguição às artes de vanguarda durante o período em que regimes autoritários dominavam a Europa, houve uma certa limitação do desenvolvimento do

abstracionismo”, destaca a professora. “Quando acabou a guerra, vários grupos abstracionistas se reuniram e passaram a se desdobrar em mais vertentes do movimento.”

A exposição O Que Temos em Comum? Abstracionismos no MAC USP, 1940-1960 está em cartaz até 22 de março de 2026, de terça-feira a domingo, das 10 horas às 21 horas, no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP (Avenida Pedro Álvares Cabral, 1.301, Ibirapuera, em São Paulo). Entrada grátis. Mais informações estão disponíveis no site do MAC.

* Estagiária sob supervisão de Roberto C. G. Castro



"Sem Título" (1951), de Cícero Dias, mescla formas estruturadas com traços expressivos - Foto: Reprodução/MAC

Grafitadores de Foz do Iguaçu participam de evento internacional de arte na Ásia



Obra Pas Schaefer
Divulgação

Evento terá edições nas Filipinas e Indonésia, reunindo artistas do mundo todo

Durante os dias 25 a 27 de abril e 30 de maio a 1º de junho, dois artistas grafitadores de Foz do Iguaçu, Mavi Gualtieri e Pas Schaefer, participarão de um evento internacional de arte, na Ásia, o "International Meeting of Styles" (MOS), edições das Filipinas e Indonésia, respectivamente.

O evento tem como objetivo reunir profissionais do segmento do mundo todo, em workshops e atividades interativas, além do ensino de novas técnicas de produção. A intenção é que, ao retornarem aos seus destinos de origem, levem à comunidade local o conhecimento aprendido no exterior.

Segundo Mavi, participar do Meeting of Styles é um marco em sua carreira. "Entre centenas de artistas de todo o mundo, fomos escolhidos com base na força e abrangência do nosso portfólio pessoal. Este processo seletivo foi altamente competitivo, o que demonstra não apenas a qualidade do nosso trabalho, mas também nossa capacidade de inovar e representar a cultura brasileira através da arte urbana", explica.

Acredito que a arte precisa ser diversa e inclusiva, e estar nesses eventos é uma forma de incentivar mais mulheres a se expressarem e a fortalecer nossa presença no cenário global", complementa a artista.

A diretora de Marketing da Secretaria de Turismo de Foz

do Iguaçu, Adriane Bordin, comenta que a participação dos artistas reforça o papel da arte urbana como ferramenta de conexão cultural e de promoção do destino para o mundo.

"A arte é uma das expressões mais potentes da identidade de um povo — e tê-la representando Foz do Iguaçu em palcos internacionais como o Meeting of Styles é motivo de grande orgulho. Os artistas Pas e Mavi levam consigo não apenas talento e criatividade, mas também a alma da nossa cidade. Como Secretária de Turismo, acreditamos que a valorização de nossos artistas locais é essencial para fortalecer a imagem de Foz como um destino plural, criativo e vivo", ressalta.



Obra de Mavi Gualtieri



<https://arteforadomuseu.com.br/artistas/pas-schaefer/>

O grafiteiro Pas conta que participar de eventos como esse é gratificante. "Participar de festivais, conhecer lugares e culturas novas, deixar as experiências ao redor do mundo e representar o Brasil e Foz do Iguaçu do outro lado do mundo é uma realização".

A iniciativa conta com apoio da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Turismo de Foz do Iguaçu

Os artistas

Pas Schaefer, originário de São Paulo, é cientista natural pela Universidade de São Paulo (USP), já pintou em 21 países, fez residência artística em Paris e Berlim e criou o Movimento PAS, que visa revitalizar espaços públicos, por meio da arte e do grafite em Foz do Iguaçu.

Mavi Gualtieri, nasceu em Foz do Iguaçu, é produtora cultural e grafiteira, faz parte do Movimento PAS e Membro da crew MTM.

O evento

O "International Meeting of Styles" (MOS) é uma rede internacional de grafiteiros e aficionados que começou em Wiesbaden, Alemanha, em 1997. Reunidos e inspirados por sua paixão pelo grafite, o MOS visa criar um fórum para a comunidade artística internacional se comunicar, reunir e trocar ideias, trabalhos e habilidades, mas também apoiar o intercâmbio intercultural.

**LEITURAS E
RELEITURAS
NAS
ARTES
VISUAIS**





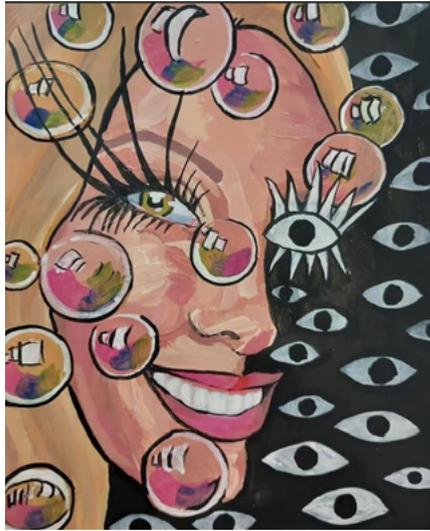
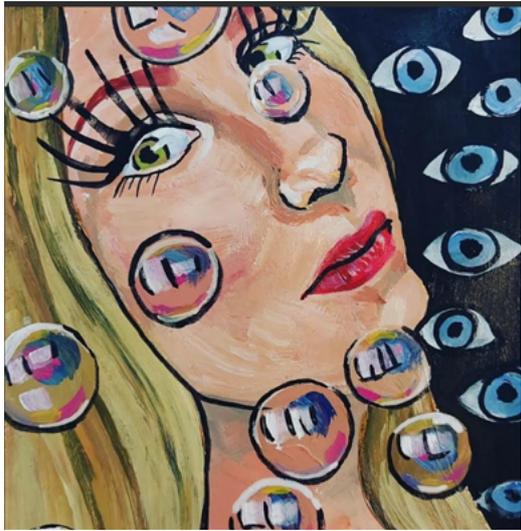
Trabalhos usando apenas retalhos de tecidos reciclados.
Insta: juniorlopex



Tiago da Silva, Carambeí PR



Alex Sandro Tucci



Giovana Vieira

Minibio

Artista cambense, arte educadora, formada em artes visuais pela Universidade Estadual de Londrina

Poética

Meus trabalhos se baseiam na pesquisa de temáticas relacionadas ao sonho e ao universo feminino, passando pelo surrealismo de Magritte e Salvador Dali, até o realismo mágico de Frida Kahlo

Opto pela pintura figurativa e materiais

como tinta acrílica, que configura um aspecto mais "duro" e de pinceladas aparentes e sobreposição de cores

Cada pincelada configura uma forma que, por vezes, se contrapõe à tinta escorrida que ocasionalmente acontece durante a execução da pintura- isso, costume dizer, é a contradição entre o acaso e o planejado

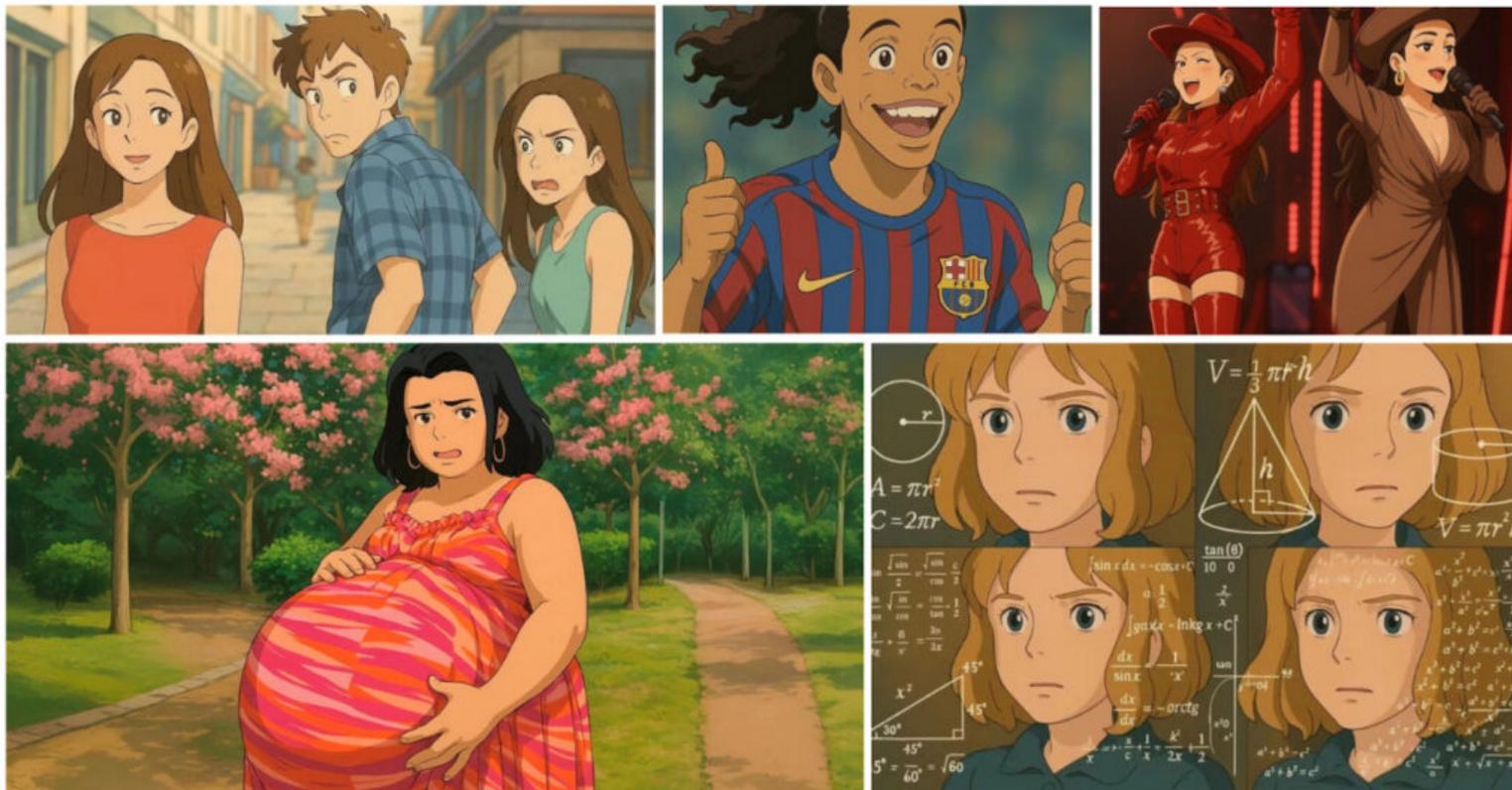
A temática quase sempre é o autorretrato- assim como Frida Kahlo: "pinto a mim mesmo porque sou o assunto que conheço melhor"

Studio Ghibli: A obra de arte na era da IA

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/studio-ghibli-a-obra-de-arte-na-era-da-ia/>

OutrasMídias Poéticas

por O Grito! A arte não é produto imediato, e cópia barata do famoso estúdio japonês é crime grave contra direitos autorais – e mostra o esvaziamento simbólico do fazer artístico com a IA. Caso mostra como corporações de tecnologia lucram e pervertem o trabalho humano



Por Isabela Ferro, na Revista O Grito!

“Estou completamente enojado. Sinto fortemente que isso é um insulto à própria vida.” A declaração de Hayao Miyazaki, cofundador do Studio Ghibli, foi dada em 2016, durante a exibição de um vídeo experimental gerado por inteligência artificial. Na ocasião, o diretor japonês, conhecido por sua animação quadro a quadro, reagiu com desconforto à ideia de que máquinas pudessem substituir o gesto humano no processo criativo.

Quase uma década depois, a declaração ganha nova dimensão com a viralização de imagens geradas por IA que replicam o traço característico das animações do Studio Ghibli. A nova ferramenta Images for ChatGPT, lançada pela OpenAI no fim de março, permitiu que milhões de usuários criassem, com poucos comandos, retratos estilizados no formato de A Viagem de Chihiro, Princesa Mononoke ou Meu Amigo Totoro. A hashtag #GhibliAesthetic tomou as redes sociais, impulsionada por selfies, fotos de celebridades, memes e até cenas de violência institucional reinterpretadas com filtros encantados.

A princípio encarada como tendência estética e viral, a prática rapidamente revelou contradições. O que

parece ser apenas um exercício visual inofensivo envolve a apropriação indevida de estilos autorais, o uso não autorizado de obras para treinamento de IA, o esvaziamento simbólico do fazer artístico e o impacto ambiental de larga escala que sustenta a instantaneidade das imagens geradas.

Para artistas visuais, o episódio representa mais um capítulo de uma disputa que vai além da estética: trata-se da preservação do processo artístico como prática sensível, crítica e coletiva — hoje ameaçada por sistemas algorítmicos que se apropriam do trabalho criativo sem autorização, sem crédito e sem compreender o que, de fato, constitui uma obra de arte.



Foto: Reprodução/Twitter (X)



“Foi cometido um crime aqui”

“Acho que, em primeiro lugar, a gente precisa dizer que foi cometido um crime aqui”, afirma a quadrinista e ilustradora Helô D’Angelo. “Porque a inteligência artificial não funciona do nada. Muita gente acredita que essas máquinas criam. Mas elas não criam do nada. Elas só conseguem fazer essas artes — entre aspas — porque foram treinadas com algum material que possibilita que elas imitem.”

Segundo D’Angelo, o material usado para treinar os modelos é, em grande parte, alimentado com obras não licenciadas. “Essas máquinas fazem um jogo de imitação, uma espécie de colagem de várias referências. E, para que isso acontecesse, elas tiveram que ser alimentadas, ensinadas com imagens do Studio Ghibli. E isso foi feito sem autorização. O próprio estúdio é contra a inteligência artificial. E, claro, sem remuneração nenhuma. Afinal de contas, se não foi autorizado, claro que não foi remunerado.”

Além da infração legal, a artista alerta para a desconsideração do processo artístico que marca a produção da Ghibli. “Tem filmes que levaram anos para ser feitos. Cenas de segundos que levaram meses. E não é porque o estúdio é lento. É porque os filmes se debruçam sobre temas que não podem ser tratados de forma rápida — amadurecimento, perda, luto, trabalho. A Viagem de Chihiro é sobre entrar na vida adulta. O Serviço de Entregas da Kiki, sobre como transformar algo que se ama em profissão pode esvaziar esse amor. E isso

tudo exige tempo, exige processo.”

A estética do esvaziamento

O que torna a arte significativa não é apenas o resultado final, mas o percurso, o enfrentamento das limitações e a relação entre o artista e o mundo. A arte não é produto imediato. E é esse vínculo que, segundo Helô D’Angelo, está sendo desmantelado. “Eu acredito que tudo isso é um grande projeto capitalista, neoliberal mesmo, de afastar as pessoas das artes, porque só a cultura realmente faz com que a gente questione a realidade que a gente está vivendo.”

Ela acrescenta: “Quando você só cria uma imagem usando uma inteligência artificial instantânea, você vai fazer o quê com o resto do tempo que aquele imediatismo te deu? Você não vai aprender nada com aquilo. Não vai olhar e dizer: ‘Foi difícil, mas valeu.’ ‘Descobri uma nova técnica.’ ‘Me emocionei’. Não. Você só vai postar e partir pra próxima coisa que vai consumir.”



“O Serviço de Entregas da Kiki”, de Hayao Miyazaki. (Foto: Divulgação/Ghibli Studios)

A estética do esvaziamento

O que torna a arte significativa não é apenas o resultado final, mas o percurso, o enfrentamento das limitações e a relação entre o artista e o mundo. A arte não é produto imediato. E é esse vínculo que, segundo Helô D’Angelo, está sendo desmantelado. “Eu acredito que tudo isso é um grande projeto capitalista, neoliberal mesmo, de afastar as pessoas das artes, porque só a cultura realmente faz com que a gente questione a realidade que a gente está vivendo.”

Ela acrescenta: “Quando você só cria uma imagem usando uma inteligência artificial instantânea, você vai fazer o quê com o resto do tempo que aquele imediatismo te deu? Você não vai aprender nada com aquilo. Não vai olhar e dizer: ‘Foi difícil, mas valeu.’ ‘Descobri uma nova técnica.’ ‘Me emocionei’. Não. Você só vai postar e partir pra próxima coisa que vai consumir.”

Para Helô, o risco não é apenas simbólico. “A arte é rebeldia. É você sair da tela, errar, experimentar, bagunçar. Isso está sendo roubado das pessoas. Existe uma crença de que arte é dom. Mas não é. É prática, é estudo. E se a gente só cria com IA, nunca vai desenvolver nada.”



"Princesa Mononoke", de Hayao Miyazaki. (Foto: Divulgação.)

O corpo físico da IA e o impacto invisível
A crítica também abrange o impacto ambiental da IA generativa — frequentemente ignorado. "Essas inteligências artificiais têm um corpo físico. São milhares de servidores que precisam ser resfriados com água constantemente. A cada 20 prompts [comandos para criação das imagens], gasta-se uma quantidade absurda de água — algo em torno de 5.000 litros", afirma Helô. "E a gente está usando isso pra quê? Pra fazer uma imagem que você vai postar e esquecer? É um absurdo."

A incoerência, segundo ela, é evidente.

Muitos dos filmes do Ghibli falam sobre meio ambiente. Como é que a gente usa essas imagens pra reforçar um sistema que consome recursos naturais em larga escala? Helô D'Ângelo

"As pessoas não entenderam os filmes"

A ilustradora e quadrinista Ing Lee destaca a desconexão entre os valores que estruturam a obra do Studio Ghibli e a forma como essas imagens estão sendo geradas e consumidas. "O Studio Ghibli é um dos poucos estúdios que ainda buscam valorizar esse trabalho mais artesanal e apreço aos detalhes acima do lucro, e este é o seu grande diferencial", afirma. "Mas quem está aderindo à trend não assistiu os filmes direito. Sinceramente, fico com vontade de perguntar: 'Você tem certeza que entendeu a mensagem de Mononoke Hime?'"

Para Ing, a apropriação do estilo do estúdio japonês representa uma traição aos próprios princípios da obra. "Mesmo que a gente tente fazer um trabalho de formiguinha buscando conscientizar as pessoas e

mostrar contrapontos, é frustrante ver o desrespeito com a visão dos artistas envolvidos nos filmes da Ghibli, desde Miyazaki, Takahata... Eles são declaradamente anti-guerra, contra o avanço tecnológico desenfreado e a destruição do meio ambiente."

Ela observa que, mesmo com o discurso público de muitos usuários de que se trata de uma tendência "inofensiva", o uso da estética Ghibli para fins ideológicos e institucionais é preocupante. "Uma imagem pode ter sido gerada em segundos, mas cada imagem equivale ao gasto de água de um banho de chuveiro por 5 minutos... você tem ideia do que é isso? E diferente de um banho, não há uma utilidade prática nem valor artístico embutido nela que justifique esse desperdício."

Ing reforça a gravidade da manipulação simbólica que está em curso. "Mais de 1 milhão de pessoas assinaram o GPT para poder gerar suas próprias imagens, gerando assim mais riqueza à uma big tech declaradamente aliada ao discurso da extrema direita e do neofascismo global. E agora, vemos até a Casa Branca gerando imagens incentivando a deportação de imigrantes ilegais nos EUA, o próprio exército de Israel querendo mostrar o quanto é fofinho causar um genocídio do povo palestino e a PM de São Paulo achando que a ROTA é tão heroica quanto um filme da Ghibli."

"De outro lado, vemos partidos supostamente de esquerda entrando na trend sem nem pensar duas vezes com o tipo de discurso que compactuam e reforçam, ao invés de apoiarem artistas reais que ficariam felizes em trabalhar com eles. Absurdamente nojento e ultrajante", complementa.



Forças de Defesa de Israel entraram na trend. (Foto: Reprodução/Twitter (X).)

A IA como ferramenta de colonização simbólica

Para Ing Lee, a inteligência artificial generativa atua como uma forma de apropriação em larga escala, alimentada por obras não autorizadas e sem consentimento. “A base da IA é o plágio e traz consigo práticas que beiram ao neocolonialismo, apropriando-se e destruindo tudo que há em seu caminho, feroz e irresponsavelmente”, afirma.

Ela relembra o caso de Scarlett Johansson, cuja voz foi replicada pela IA da OpenAI mesmo após a recusa formal da atriz em autorizar o uso. Para Lee, trata-se de uma afronta à autonomia dos criadores — uma postura que também foi criticada por Hayao Miyazaki em documentários anteriores.

A artista observa que esse fenômeno se liga à desvalorização do trabalho artístico. “Já existia um certo desdém com o fazer artístico. Muita gente acha que é um ‘dom’, e não uma habilidade que se desenvolve com esforço e dedicação”, diz. Isso alimenta a falsa ideia de que é possível produzir arte real com um clique.

Segundo ela, o imediatismo das ferramentas reforça um ciclo de consumo superficial. “Criar arte de forma instantânea sem passar pelo caminho árduo do processo é sedutor para muita gente. Mas essa lógica se conecta a discursos de revanchismo e prepotência — o ‘agora EU consigo fazer melhor do que vocês’ — que vemos inclusive em setores da extrema-direita.”

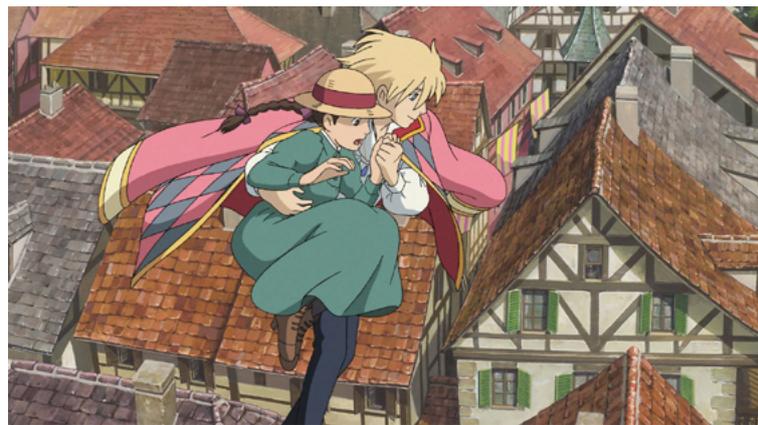
Ing conclui que o desenvolvimento da IA não é neutro. “Ela precisa ser regulamentada e voltada ao bem-estar coletivo. É triste ver algo que poderia servir à acessibilidade sendo usado para apagar o trabalho humano.”

A robotização do processo e a precarização do trabalho criativo

Para a jornalista e quadrinista Gabriela Güllich, as imagens geradas por inteligência artificial no estilo de estúdios ou artistas representam uma cadeia de exploração

que afeta não apenas criadores individuais, mas uma classe inteira de trabalhadores da cultura. “Acredito que qualquer imagem gerada por IA no ‘estilo’ de qualquer artista sem autorização prévia implica no treinamento de ferramentas que se alimentam basicamente da exploração do trabalho alheio, com um custo ambiental gigantesco”, afirma.

Gabriela destaca que não pensa na questão apenas do ponto de vista individual. “Não penso em como me afeta enquanto artista e sim como isso afeta toda uma classe de trabalhadores: da arte, do design, da escrita. Pessoas que trabalham em áreas que já sofriam com precarização antes mesmo do boom das IA e que tendem a encarar cada vez mais dificuldades para manterem um trabalho digno com um salário que corresponda à jornada.”



“O Castelo Animado”, de Hayao Miyazaki. (Foto: Divulgação.)

“Particularmente, acho que ‘copiar um traço’ é o menor dos problemas, no sentido de que a gente aprende vendo o trabalho dos outros, muita gente começou desenhando os desenhos que via na TV, nos gibis”, diz. Seu receio maior é que a robotização do processo criativo desencoraje pessoas reais de aprenderem a desenhar, de buscarem um estilo próprio. “O problema está em tirar o ser humano do trabalho criativo. De robotizar esse processo, substituir a jornada de arte por um prompt que só vai alimentar uma empresa, que vai consumir muito mais energia pra fazer uma imagem do que a gente consumiria pra produzir várias, em usar a IA pra substituir pessoas e desvalorizar o trabalho da vida delas.”

Ela critica a forma como essas práticas são mascaradas por um discurso lúdico e superficial: “É enriquecer empresas gigantescas com arte roubada, mascarando isso com um viés ‘bonitinho’ de trend de rede social.”

Para Gabriela, o apelo da IA está exatamente no que ela entrega: rapidez, automatização e gratificação imediata. “Acredito que a grande maioria das pessoas que compartilharam essas imagens têm plena consciência de que aquilo está muito distante do processo criativo manual justamente porque o que elas entregam é algo rápido, enlatado, que pega uma foto pronta e coloca oito dedos em uma mão”, afirma.

Acredito que o público tenha consciência dessa distância e que esse é justamente o apelo: é 'de graça', sai na hora e pronto.

Gabriela Güllich

Gabriela alerta, ainda, que qualquer debate sobre regulamentação da IA passa, necessariamente, pela valorização do trabalho criativo em si. "Para chegar na regulamentação de IAs, seria necessário antes mesmo trabalhar a precarização do trabalho criativo", afirma. "Não vejo como chegarmos em um debate aprofundado que não seja seguido por discussão de salário — quando tradutores e roteiristas, por exemplo, que serão igualmente afetados por isso, não têm reajuste de valores há anos —, por discussão de acúmulo de função — o designer que precisa exercer o próprio cargo além de ser ilustrador, editor de vídeo, por vezes redator e social media."

Ela conclui que a falta de reconhecimento das funções já existentes na economia criativa é um obstáculo sério para se avançar em qualquer regulamentação concreta. "Como é possível avançarmos na regulamentação de uma ferramenta que tem exercido funções que já não são lá muito regulamentadas desde o princípio?", questiona. "É um debate muito extenso que envolve valorização de trabalhadores, um melhor entendimento inclusive da diferença entre IAs e ferramentas digitais no geral."

Um debate que não pode se resumir à estética
Desde 2023, organizações de escritores, músicos e artistas visuais têm processado empresas como a OpenAI,

acusando-as de usar obras protegidas por direitos autorais para treinar seus modelos sem permissão. Em 2024, mais de 10 mil profissionais assinaram uma carta aberta denunciando a prática. No passado, ferramentas como o Bing Image Creator chegaram a proibir o uso do termo "Disney Pixar", mas logo voltaram a aceitar, embora com distorções no nome para evitar processos diretos.

A questão que se impõe, no entanto, permanece: ao gerar milhões de imagens instantâneas no estilo de um estúdio que levou décadas para consolidar sua identidade artística, estamos apenas replicando uma estética ou contribuindo para a diluição irreversível do pensamento crítico e da criação humana?

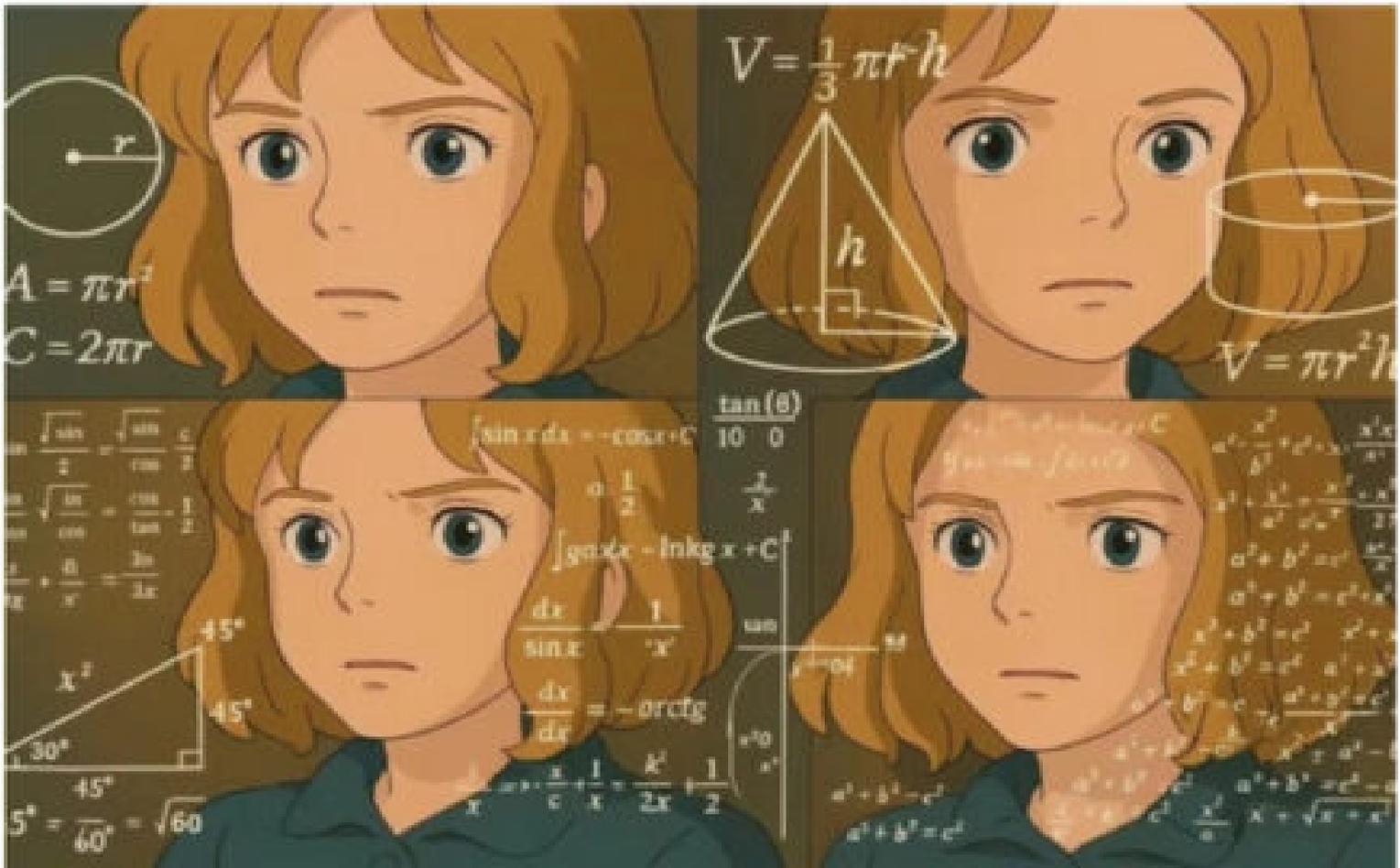
Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, contribua com um PIX para outrosquinhentos@outraspalavras.net e fortaleça o jornalismo crítico.

Tags

#GhibliAesthetic, A viagem de Chihiro, arte, ChatGPT, direitos autorais, Hayao Miyazaki, inteligência artificial, OpenAI, precarização do artista, Princesa Monoke

O Grito!

A Revista O Grito! é um publicação jornalística online independente que cobre os mais diversos assuntos da arte e cultura. Sua proposta editorial tem como foco discutir assuntos importantes da sociedade a partir da produção artística e cultural.



SEM ANISTIA!



O DIAGNÓSTICO NÃO É
PRISÃO DE VENTRE, É MEDO DE
PRISÃO.





GLAUBER FICA

GLAUBER FICA

GLAUBER FICA



@ARTEVILLAR



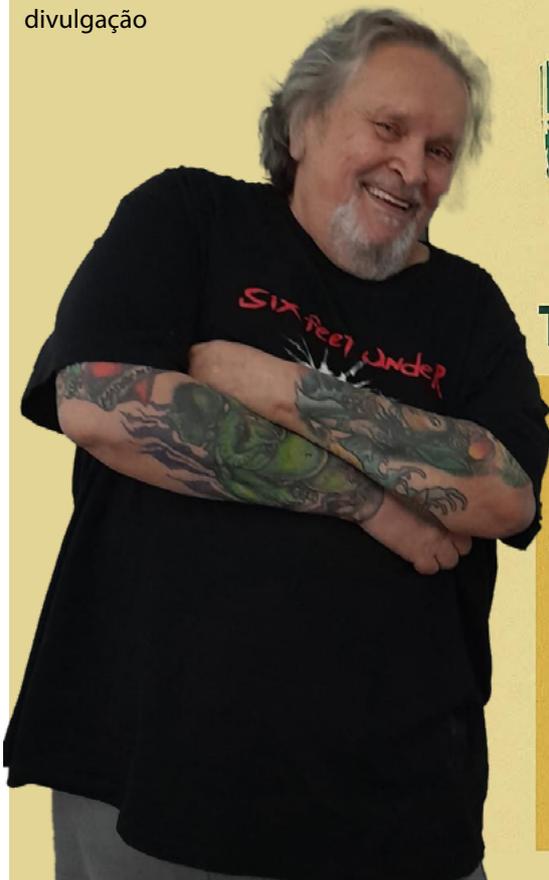
VOCÊ SE
PREOCUPA COM
O AVANÇO DA
INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL?

NÃO, EU ME
PREOCUPO MAIS
COM O
RETROCESSO DA
INTELIGÊNCIA
NATURAL.



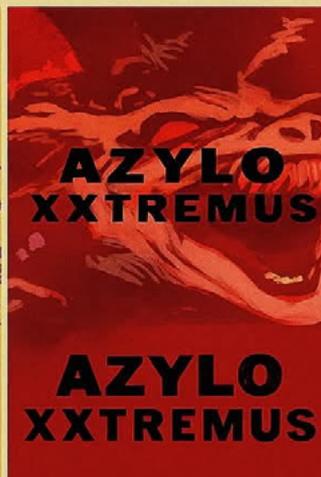
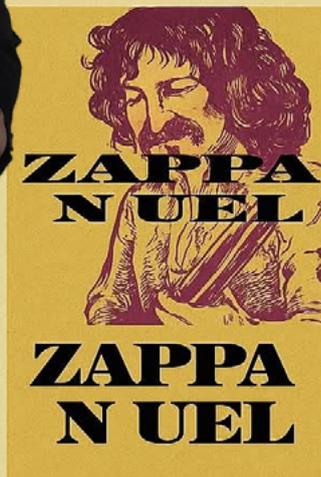
RETRATO
FIEL





AZYLO HOTEL

TODA SEMANA NA RÁDIO UEL FM



Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XXTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azylo Resort no Canal 20; TV Metrópolis na TV Tibagi; Autor do Projeto radiofônico e televisivo "Azylo Hotel" desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no "Dia Mundial do Rock" na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina "Papo de Rock" com palestras educativas sobre a história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005;

Produtor/Apresentador do Projeto "Azylo Hotel

Live" gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h

Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, "Blues Hotel" estreou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato
Rua Fernando de Noronha, 433
Londrina-Paraná
(43)9 8818-2604
projetoazylohotel@gmail.com
<https://www.instagram.com/azylohotel> <https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano> Canal Azylo Hotel (YouTube)



**Pode,
Chefe?**
podcast

O Pode Chefe? Podcast é focado em ouvir histórias inspiradoras em cada episódio onde Aurélio Pereira e Ronilson Rony recebem convidados que são referências em suas áreas de atuação, explorando suas trajetórias profissionais, seus desafios e suas estratégias para alcançar e transpor os desafios do dia a dia. O podcast aborda diversos temas relacionados a cultura, arte, empreendedorismo e negócios, como liderança, marketing, finanças,

inovação, gestão de pessoas e muito mais. Pode Chefe? Podcast está disponível em plataformas de streaming de áudio e vídeo, como Spotify, YouTube, Apple Podcasts e nas redes sociais, e é uma ótima fonte de informação e inspiração para quem deseja empreender ou aprimorar suas habilidades.

Permita-se!

CLICK PARA ASSISTIR

A7R **Pode,
Chefe?**
podcast

Muita Paz e Gratidão

@podechefe



Pode, Chefe? Podcast
Ouça no Spotify

www.youtube.com/@podechefe

SUA PLATAFORMA STREAMING GRATUITA DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO COLETIVA

Filmes para combater a desinformação e as fake news, reforçando a democracia e as conquistas sociais.

Cadastre-se

"Amorá" de Marcos Pimentel - Foto: Gabriela Mota.



FATOGUIA

Fatoflix lhe orienta com vídeos curtos sobre os filmes que você deve assistir na atual conjuntura.



ASSISTA QUANDO E ONDE QUISER

Nossos conteúdos em qualquer dispositivo, a qualquer momento.

<https://fatoflix.com.br/>

Criamos a Fatoflix em agosto, com o apoio do Fórum 21, a plataforma de streaming gratuita do campo democrático-progressista.

A extrema-direita saiu na frente, desde 2016, e está fazendo um estrago profundo com o streaming dela, que você conhece. É desinformação e guerra cultural na veia.

Fatoflix é o nosso embrião de resistência com filmes, documentários e séries dedicados à formação cultural, política e à organização coletiva.

Temos que nos unir num esforço muito grande para viabilizá-la.

Veja bem, você não precisa como pessoa física dar apoio financeiro: o que Fatoflix precisa de você é sobretudo o seu apoio e aval político junto a entidades profissionais, instituições e empresas parceiras que possam colaborar.

Veja se você poderia fazer o seguinte:

1. Se inscreva, conheça o acervo da Fatoflix (e também os MiniCursos com filmes temáticos,

Cine Clubes Digitais nas periferias etc etc) e nos dê sua opinião e sugestões etc;

2. Indique a Fatoflix para a diretoria de instituições, entidades e empresas parceiras da sua área de relações e influência - e nos envie em seguida os contatos delas para darmos prosseguimento aos encaminhamentos;

3. Não deixe de nos dar retorno logo que possa para concretizarmos juntos essas e outras formas de viabilização da Fatoflix.

O cinema de qualidade por streaming não é nenhuma "bala de prata" mas faz a diferença no enfrentamento da extrema-direita tanto no curto e médio prazos como sobretudo em 2026.

Ficamos à espera.

Contamos com você.

Muito obrigado.

Carlos Tibúrcio, pela equipe da Fatoflix.

O que é?

A Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), instituída pela Lei nº 14.399, de 08 de julho de 2022, tem como objetivo fomentar a cultura em todos estados, municípios e Distrito Federal.



Com recursos previstos até 2027, a PNAB é uma oportunidade histórica de estruturar o sistema federativo de financiamento à cultura, mediante repasses da União aos demais entes federativos de forma continuada. Diferente das ações da Lei Aldir Blanc 1 e da Lei Paulo Gustavo (LPG), que

tinham caráter emergencial, projetos e programas que integrem a Política Nacional Aldir Blanc receberão investimentos regulares. Fomento que será repassado a ações culturais por meio de editais para trabalhadoras (es) da área cultural, bem como pela execução dos recursos de maneira direta.

Para quem é a Política?

Podem inscrever projetos em editais publicados pelos entes federativos e receber recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB) trabalhadores(as) da cultura, entidades, pessoas físicas e jurídicas que atuem

na produção, na difusão, na promoção, na preservação e na aquisição de bens, produtos ou serviços artísticos e culturais, inclusive, o patrimônio cultural material e imaterial.

Como funciona a Política?

A PNAB será executada em parceria com estados, municípios e Distrito Federal, por meio da transferência de recursos do Ministério da Cultura

(MinC) aos entes federativos. Serão recursos anuais de R\$ 3 bilhões de reais, entre 2023 e 2027.

D#33 - ARTE

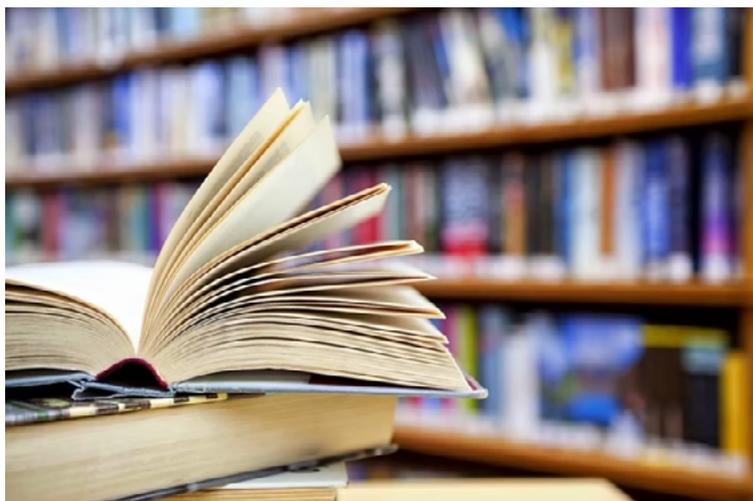
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

CADERNO DE LITERATURA



Bibliotecas podem receber livros anualmente do governo federal

<https://institutotijuipe.wixsite.com/institutotijuipe/post/bibliotecas-podem-receber-livros-anualmente-do-governo-federal>



Quatro mil bibliotecas públicas e comunitárias de todo o país vão receber, anualmente, 4,8 milhões de novos livros do governo federal. Essa iniciativa, que envolve investimento anual de quase R\$ 50 milhões, foi criada ano passado pelo governo Lula, por meio do Decreto nº 12.021/2024, que atualizou o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

“É algo histórico que nós esperávamos há muito tempo, que é a inclusão das bibliotecas públicas e comunitárias nas compras dos livros de literatura, do programa nacional. E agora os livros começam a chegar nas mãos dos leitores. E em breve chegando a todo o país”, afirma Jéferson Assunção, diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Ministério da Cultura, em evento realizado nessa quarta-feira (23/4), no Rio de Janeiro (RJ).

Para receber os materiais, as bibliotecas precisam estar funcionando e incluídas no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. As que ainda não fazem parte precisam se cadastrar por meio do Portal da Sociedade, no endereço <https://solicitacao.servicos.gov.br/processos/iniciar?codServico=11615>.

O acesso é por meio da conta Gov.BR e o Sistema solicita as seguintes informações e documentos:

Da biblioteca: nome, CNPJ (se houver próprio), data de criação, documento de criação (se houver CNPJ próprio), documento de apresentação (portifólio em PDF), endereço de funcionamento, contatos e pessoa responsável;

Da instituição vinculadora: órgão ou entidade, CNPJ, contatos, endereço e documentos da entidade;

Do funcionamento da biblioteca: equipe, capacitação, forma de funcionamento e instalações.

Plano Nacional

O governo federal está elaborando o novo Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL 2025-2035), que deve ir à consulta pública ainda no primeiro semestre deste ano. “O novo Plano Nacional de Livro e Leitura traz a revisão das metas e ações. E esse é o diferencial com relação aos planos anteriores. Nos anteriores, tínhamos os princípios norteadores, alguns objetivos, os quatro eixos. Mas, agora, vamos ter metas e ações”, explica o secretário de Formação, Livro e Leitura do Ministério da Cultura, Fabiano Piúba.

O Ministério também planeja a retomada do Programa Agentes de Leitura, que consiste na seleção e formação de jovens para atuarem em suas próprias comunidades, cadastrando famílias em seus territórios, levando os livros nas casas e nas vidas das pessoas. “Este projeto será implementado por meio da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura em parceria com as secretarias estaduais e municipais”, conta Piúba.

Para garantir mais ações na PNAB, foram disponibilizados, para estados e municípios, modelos de editais direcionados ao apoio de projetos e ações que envolvam livros, leitura, literatura e bibliotecas, a exemplo de Pontos de Leitura e ações de fomento a projetos de criação e difusão literária, aquisição de livros dos mercados editoriais locais, bem como de circuitos de feiras de livros e festas literárias. “Já no primeiro ciclo da Aldir Blanc, 12 estados lançaram editais para este setor, chegando a um investimento de R\$ 103 milhões”, destaca o secretário.

Por meio do edital Pontos de Leitura, o Ministério ainda modernizou 310 bibliotecas comunitárias com investimento de R\$ 9,3 milhões. E já iniciou a implantação das Bibliotecas do Minha Casa, Minha Vida, que levarão 1,5 mil espaços de leitura para as famílias beneficiárias - além da moradia, a pessoa tem acesso a um lugar novo, pensado e projetado para leitura, com acervo de mais de 500 títulos à disposição.

Para Piúba, outra ação relevante é a retomada do Prêmio Vivaleitura, que reconhece e premia as boas práticas de leitura no país. E, com 35 veículos e 150 localidades atendidas em todo o país, os MovCEUS possuem acervo com 250 livros cada e funcionam como bibliotecas que transitam pelas cidades: isso soma mais de 8,7 mil publicações à disposição da população brasileira.

Automóvel amarelo

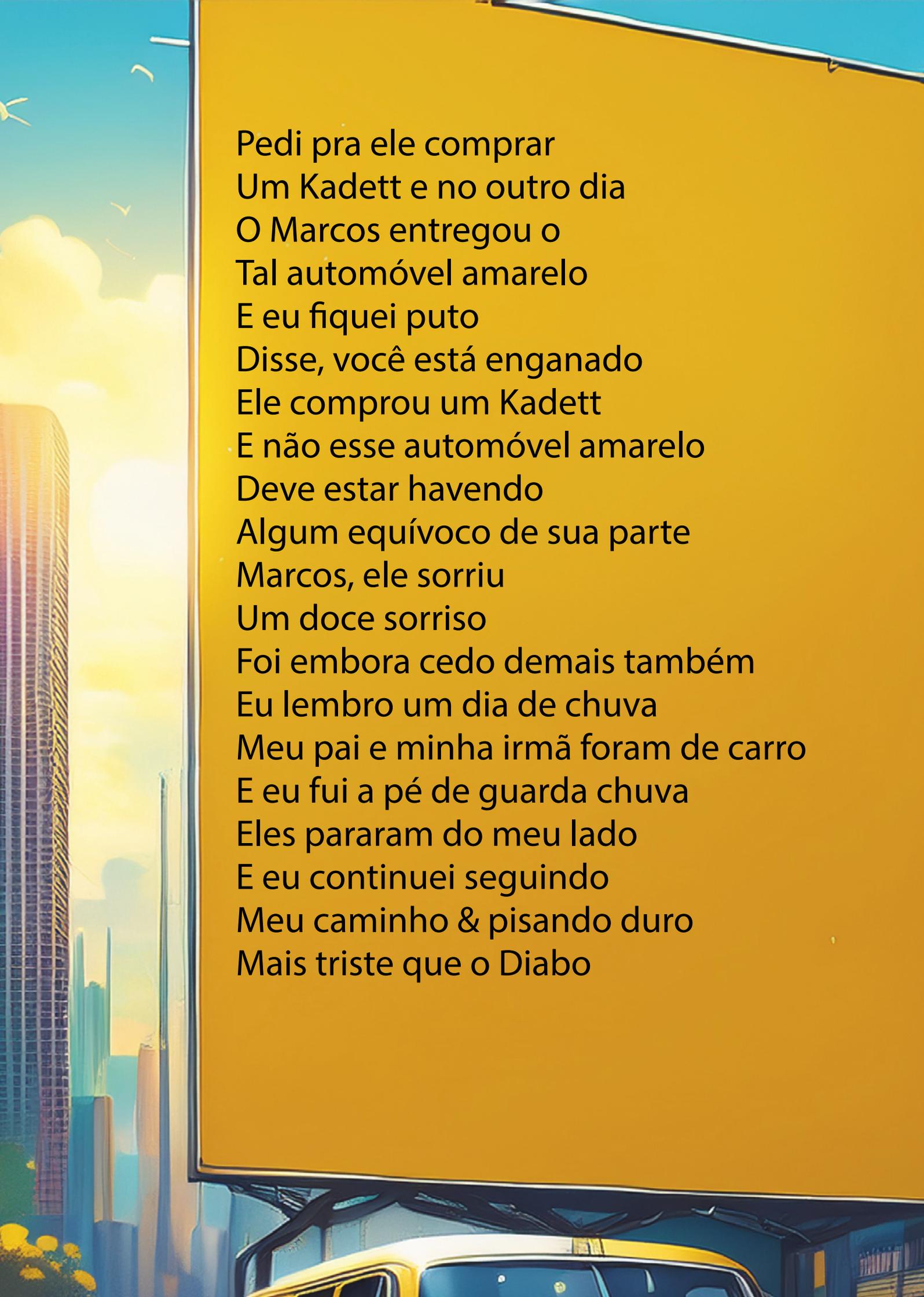
Vagner Xavier



Eu lembro de quando
Eu pedi pra você comprar
Um carro e você comprou
Aquele automóvel amarelo
Eu era aliás sou tão durão
Que queria até mandar
No meu pai, justo nele

Que era mais livre que o ar



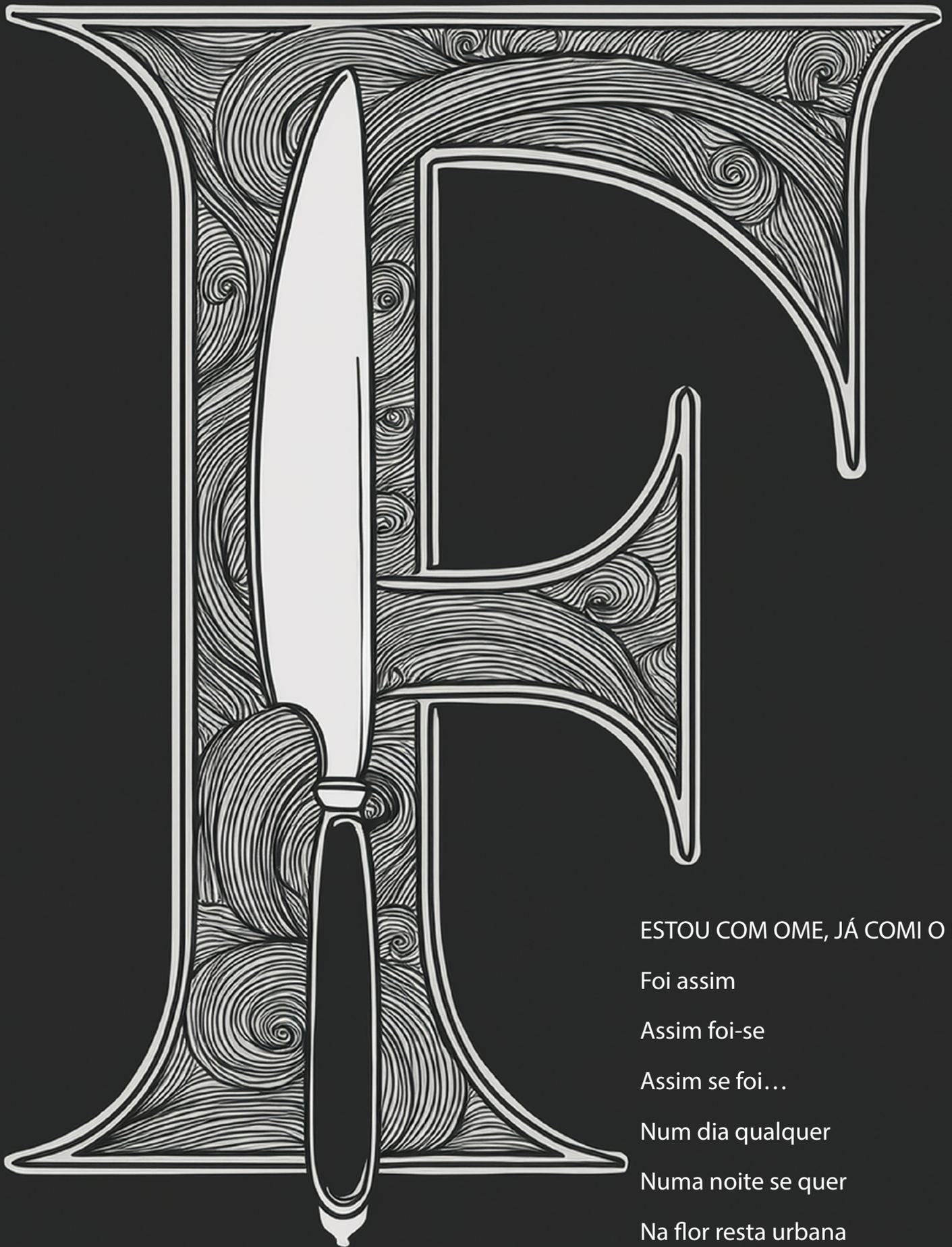


Pedi pra ele comprar
Um Kadett e no outro dia
O Marcos entregou o
Tal automóvel amarelo
E eu fiquei puto
Disse, você está enganado
Ele comprou um Kadett
E não esse automóvel amarelo
Deve estar havendo
Algum equívoco de sua parte
Marcos, ele sorriu
Um doce sorriso
Foi embora cedo demais também
Eu lembro um dia de chuva
Meu pai e minha irmã foram de carro
E eu fui a pé de guarda chuva
Eles pararam do meu lado
E eu continuei seguindo
Meu caminho & pisando duro
Mais triste que o Diabo

Me recusava a andar
A passear no automóvel
Com o passar do tempo
Peguei amor no automóvel amarelo
Depois meu pai vendeu o carro
Para o Tranquilo Crippa
Fui contra a venda
Mas ele vendeu
Esse garoto às vezes contraditório
Com o tempo tudo se foi
E ficaram as doces lembranças
Do automóvel amarelo.

Vagner Xavier





ESTOU COM OME, JÁ COMI O F.

Foi assim

Assim foi-se

Assim se foi...

Num dia qualquer

Numa noite se quer

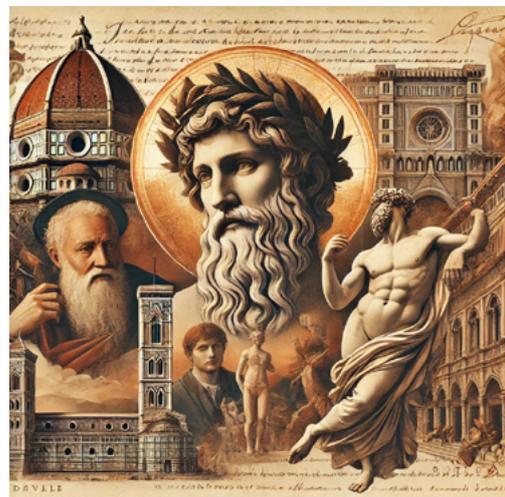
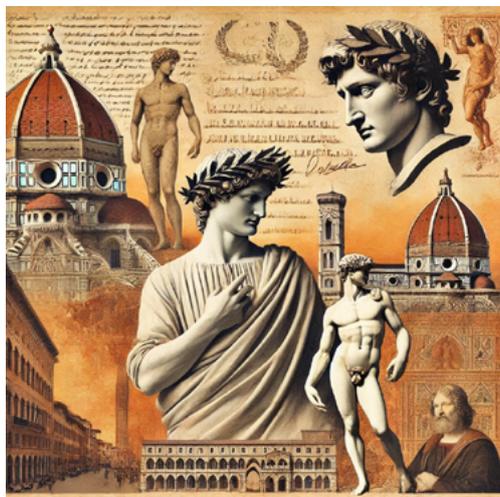
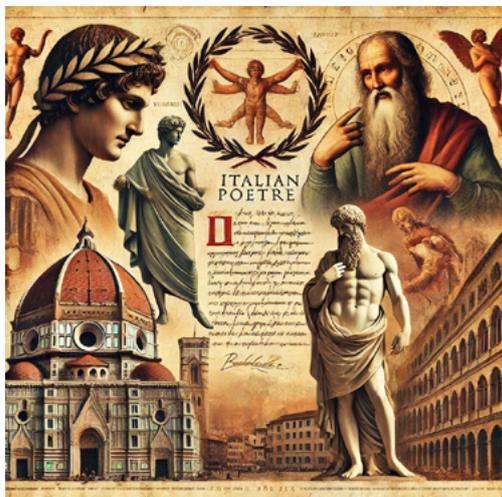
Na flor resta urbana

A carniça é farta!

<https://putoesia.wordpress.com/>

NÃO CONSIGO INTEGRAR-ME

Não me consigo integrar, tenho um distúrbio de fronteira
Dou cotoveladas como o Greg "O Martelo" Valentine,
nem mesmo se me dedicar a isso conseguirei aspirar ao Prémio Nobel
deutoplasma irreduzível entre as vacas negras de Hegel.
Não me consigo integrar, tenho um delírio esquizofrénico
Evito as massas e mergulho os biros no arsénico,
Canto, fora do coro, como um mitómano no X Fator
desarmar bombas, lidar com detectores de metais.
Não me consigo integrar, tenho atitudes assassinas,
Ando entre zombies, ao estilo do Rei da Pop em Thriller,
voando baixo nas quotas,
forçado a embrulhar legendas para não-utilizadores.
Não me consigo integrar, tenho todo o tipo de fobias
na fila de espera apetece-me o verde, como um virtuoso da dendrofilia,
focando o mundo e esbatendo os tempos com o zoom,
rendo-me à desuetude da consecutio temporum.



Ivan Pozzoni nasceu em Monza em 1976. Introduziu em Itália o tema do Direito e Literatura. Publicou ensaios sobre filósofos italianos e sobre ética e teoria do direito no mundo antigo; colaborou com numerosas revistas italianas e internacionais. Várias das suas colectâneas de versos foram publicadas entre 2007 e 2024: Underground e Riserva Indiana, com A&B Editrice, Versi Introversi, Mostri, Galata morente, Carmina non dant damen, Scarti di magazzino, Qui gli austriaci sono più severi dei Borboni, Cherchez la troika e La malattia invettiva com Limina Mentis, Lame da rasoio, com Joker, Il Guastatore, com Cleup, Patroclo non deve morire, com deComporre Edizioni, Kolektivne NSEAE, com Divinafollia. Foi fundador e diretor da revista literária Il Guastatore - Quaderni 'neon'-avanguardisti; foi fundador e diretor da revista literária 'Arrivista; foi diretor executivo da revista filosófica

internacional Información Filosófica. Fundou cerca de 15 editoras socialistas de gestão autónoma. Escreveu/editou 150 volumes, escreveu 1.000 ensaios, fundou um movimento de vanguarda (NeoN-Avanguarda, apoiado por Zygmunt Bauman), e redigiu um Anti-Manifesto NeoN-Avanguardista. É citado nos principais manuais universitários de história da literatura, historiografia filosófica e nos principais volumes de crítica literária. Está incluído no Atlas dos poetas italianos contemporâneos da Universidade de Bolonha e figura várias vezes na grande revista internacional de literatura Gradiva. Os seus versos estão traduzidos em vinte e cinco línguas. Em 2024, após seis anos de afastamento total dos estudos académicos, reentra no mundo da arte italiana e funda o coletivo NSEAE (Nuova socio/etno/antropologia estética) [<https://kolektivnenseae.wordpress.com/>].

Suco de maçã

Por Cristian Canto

Nem todas as maçãs são frutos proibidos, tampouco foram envenenadas pela bruxa má. Uma única maçã não tem o poder de apodrecer o cesto todo, se formos mais rápidos em salvar as que continuam próprias para consumo. O fato é que o imediatismo nos faz enxergar tudo da forma negativa já no primeiro impacto. Se presenciarmos o olhar de tristeza de uma criança faminta que percebe outra criança morder duas maçãs, sentiremos aquele nó no estômago e imediatamente virá a mente a decepção em relação aos responsáveis pela criança insensível que estão criando. Ou seja, o primeiro impacto é sofrível, entretanto, se virarmos as costas para o final, não saberemos se o julgamento feito tem algum fundamento. A continuação dessa história traz consigo a inocência e humanidade da criança, que após morder as duas maçãs, direcionou uma das frutas a outra criança, "Esta está mais doce". Sim, a comunicação infantil é mais pura, ela apenas provou e ofereceu a que em seu paladar estava mais saborosa. Sim, ela sentiu a necessidade de compartilhar mesmo que não tenha sido solicitado. Sim, quem não esperou o desfecho desse caso nunca saberá o bem que faz ler o livro até o fim, escutar a notícia até o locutor terminar o texto ou tentar entender que tudo tem seu tempo. Quem aguardou o fim da história pode ter degustado o caminho completo e feliz, quem parou na decepção das primeiras mordidas, levou consigo a tristeza de uma narrativa triste. Tudo muito rápido, na mesma velocidade em que a maçã escurece após cortada. Está podre? Não. Apenas é o oxigênio entrando em contato com suas substâncias. Apenas mais um detalhe passível de julgamento. Nesse caso, não acompanhamos o início da história, chegamos e a maçã já está cortada e escura, não sabemos quando ou quem a

cortou. Comeremos? Provavelmente não. A conclusão é que as notícias chegam fragmentadas, sem fundamento inicial ou conclusão plausível. Somos rápidos em interpretar o que vemos ou pensamos, mas lentos em buscar informações que nos levem ao destino certo. A sociedade está contaminada pelas maçãs que foram envenenadas pelo ritmo acelerado da vida. "Os idiotas vão tomar conta do mundo; não pela capacidade, mas pela quantidade. Eles são muitos." Nelson Rodrigues

Temos que optar se seremos as maçãs podres que tentam apodrecer o cesto todo, ou seremos as escolhidas para formar o melhor suco, onde se necessita de várias frutas para encher a jarra e matar a sede. Enquanto pensamos muito para chegar a uma breve resposta, crianças dividem o que carregam em suas lancheiras, sem se importar se a maçã está mais clara ou escura.

Cristian.canto83@outlook.com



Tua Pele

Desenho sobre tua pele Meu desejo
Meu olhar
Desenho sobre teu sorriso
Uma forma de beijar
Sobre tua pele
Sinto o toque macio
Nas curvas do teu corpo Com o lápis
acarácio

Ariate Silva

Gira, Brasil

A Terra gira sem fazer alarde,
mil seiscentos e setenta por hora,
e a gente pensa que tá parado,
com o peso do mundo nas costas.

Lá fora, o tempo passa ligeiro,
feito trem sem estação, sem trilho,
mas cá dentro o peito é nevoeiro,
um silêncio em forma de brilho.

A vida não pede licença, não,
vai girando feito roda de samba,
feito roda de capoeira no chão,
feito o pião que no terreiro zanza.

Mesmo sem força, o corpo acompanha,
porque viver é bicho teimoso,
mesmo cansado, o coração apanha
mas bate firme, na sanha.

O mundo é um gigante carrossel,
feito festa de interior, de feira e pastel
com luz que pisca e riso distante,
com esperança que não vem do céu.

Então levanta, mesmo que aos poucos,
deixa a alma girar no compasso,
porque ser Brasil é seguir meio louco,
mas nunca largar do abraço.

Wilson Inacio



A FLECHA DO CUPIDO

Sinopse

“Eros, o cupido frustrado, busca despertar o amor em Ellen, uma garota desapaixonada. Com sua flecha dourada, ele consegue, mas percebe que está sem flechas para o colega de classe. Enquanto Ellen se apaixona por Matheus, Eros sente-se responsável e decide criar uma solução. No entanto, o desenrolar dos eventos traz à tona sentimentos intensos, revelações e reviravoltas inesperadas. À medida que a trama se desenvolve, o amor se mostra tanto um fio de esperança quanto uma fonte de dor. Enquanto Eros passa por mudanças, uma nova dinâmica se forma entre os personagens principais, deixando o destino de seus relacionamentos em aberto.”

Eros plainava delicadamente pelo ar, deixando esvoaçar o níveo tecido que escondia suas partes. Procurando pelo novo alvo, lançava seus olhares por todos os lados, em busca de qualquer suspiro em que pudesse exercer seu trabalho. Alguns minutos e nada. As pessoas apenas passavam pelas ruas sem se olharem, sem qualquer sintoma ou resquício de ao menos uma fascinação pelo alheio. Tão desapaixonadas por si e pelo mundo que tem tornado seu trabalho cada vez mais árido. Então, ao passar pela janela de uma escola, nota o conhecido olhar no rosto de uma garota, que timidamente fitava o colega de classe.

- Ok. Aqui estamos. Mais um casal para juntar!

Então Eros tira da aljava uma flecha dourada. Põe em seu arco reluzente e com um disparo certo atinge a garota. Seu olhar, antes marejado por um amor tímido, agora se torna maravilhado, como se o mundo a sua volta tivesse mais cores. O olhar para o amigo agora era de puro deslumbre.

O cupido então procura em sua aljava uma segunda flecha, para finalmente atingir o desatento colega de classe. Sua mão encontra apenas a aljava vazia.

- Maldita moda de trisal. Agora perdi a conta de minhas flechas...

A frustração não permitiu que ele visse o desenrolar de seu trabalho. Motivada pelo amor repentino, a garota vai de encontro ao colega, tentando se declarar. Apenas para voltar para sua mesa em pranto, com a negativa.

Eros observa a cena. A menina com a cabeça entre os braços em sua carteira durante toda a aula. A acompanha enquanto ela retorna da escola. Derrotada.

- Isso não pode ficar assim. Minha reputação como entidade do amor estará ameaçada se não fizer nada e deixar a garota desse jeito.

Pensativo, Eros se dirige até as nuvens. Pega um punhado delas e a molda parcamente em um formato humano. E com um toque de seu arco, a escultura gasosa finalmente se transforma em um jovem rapaz. Belo e amistoso, vagamente semelhante ao colega de classe da menina.

- Bem, minha criação. Você agora é um humano. Um presente especial para uma garota apaixonada. Seu amor por ela já está determinado. E seu trabalho é fazê-la feliz.

O jovem aquiesce com a cabeça, enquanto flutua para o chão, pelos poderes do cupido. No dia seguinte, a garota retorna sua rotina, mesmo que ainda abalada. Sai de casa pela manhã, e, atrapalhada, deixa cair seus cadernos. O rapaz prontamente se aproxima e os recolhe, os devolvendo enquanto olha carinhosamente para a menina.

- Toma. Não deixe cair mais, ok?

A menina então olha para o rapaz, e o amor dela volta a se aquecer.

- Olá. Meu nome é Matheus.

- Olá... Eu sou a Ellen.

O olhar dos dois se entrecruza. Era certo de que foram feitos um para outro. Na realidade, ele foi, literalmente, feito para ela, e assim o amor entre eles se consolidou.

Na primeira semana, ele ia buscá-la no colégio todos os dias. Levava-a para passear pelo parque, comiam sorvete. O sorriso no rosto dos dois era tão presente que parecia necessário um formão para talhar qualquer outra expressão. Os dias seguiram com plenitude e alegria.

Então, um dia, na escola, o colega de outrora, o amor inconfesso de Ellen se aproximou dela.

- Ellen. Posso falar contigo?

Espantada com aquela aproximação inesperada, Ellen hesita, mas concorda.

- Eu vi que você está acompanhada. Está namorando, não é?

- Sim.
- Uma pena. – O olhar do colega era entristecido. – Eu era apaixonado por você...

Ellen então se espanta ainda mais.

- E por que então não me disse?

- Eu fiquei com medo. Quando você se declarou. Eu fiquei assustado!

Ellen boquiaberta examina seu interior para saber quais sentimentos ainda restavam pelo colega. O resto do dia ficou tentando entender o que sentia.

Quando Matheus veio buscá-la, encontrou a consternada. Perguntou o que acontecia, mas ela não respondeu. Ambos vão juntos para casa, mas dessa vez o clima era esmorecido e silencioso.

Chegando a sua casa, seus pais não estavam como de costume. Matheus tenta animá-la, mas vê que não consegue êxito diante da pensativa menina.

- Ei, tem um bolo de chocolate na geladeira. Acho que vai deixar você mais feliz. –

Matheus retira o bolo e põe a mesa, e pega um conjunto de talheres e um prato para ela.

Ellen olha longamente para o bolo em sua frente, enquanto segurava o garfo e a faca.

Matheus a observa, curioso. Ela continuava calada. Alguns minutos, então, ela segura mais firmemente a faca em sua mão... E o golpeia.

Matheus, por reflexo, se joga para trás, enquanto a lâmina passa apenas próximo do seu peito, rasgando sua camisa e fazendo um pequeno corte em sua pele.

- Ellen? O que é isso? – Ele retruca, em desespero.

- Você não entende? Ele me amava. Eu preciso do meu amor.

Matheus fica confuso, então Ellen tenta novamente um golpe. A faca passa perto de seu rosto, e num movimento felino, Matheus passa por debaixo de seu braço e corre em direção às escadas para o andar superior.

Ellen, furiosa, tenta atingi-lo quando ele passa, acertando o batente de uma parede. Ele corre pelas escadas e Ellen o persegue. No corredor do andar de cima, completamente escuro, Matheus tenta entrar em algum dos quartos, mas estavam trancados, restando apenas a porta balcão que daria para a sacada. Não teve tempo de pensar muito, pois o

vulto de Ellen já crescia no fim do corredor. Apenas seus olhos pareciam fagulhar dando-lhe uma impressão fantasmagórica. Matheus abre a porta e vai para a sacada.

Olhando sobre a mureta, percebe que dava para uma longa queda até o campo de futsal da casa vizinha. Sem opções, apóia na mureta, pensando em balançar e se jogar para a

área de serviço logo abaixo. Quando consegue firmar suas mãos para tentar o pulo, um rosto assustadoramente frio surge olhando para baixo, para ele.

- Ellen... – Tenta negociar. – Eu não entendo... Estávamos tão felizes. O que aconteceu?

- Eu preciso de meu amor de volta. – Diz ela, cortante como a lâmina que segurava.

- Como assim? Você quer terminar? Podemos terminar, se isso te faz feliz.

- Não. Eu preciso que você não exista. Preciso que você devolva meus sentimentos.

- Olha. Eu amo você. Se você quiser assim, eu sumo de sua vida. Você não precisa

fazer isso. Você estará livre, e eu estarei feliz por você.

As feições de Ellen suavizam. Ela pensa por um instante. Matheus continua.

- Está bem? Amigos?

Ele estende a mão para Ellen, que a agarra. Com um olhar de aprovação, Matheus

começa a fazer o esforço para subir de volta.

Então Ellen joga sua mão para longe, enquanto corta a outra, fazendo-a se soltar. E a

queda.

No dia seguinte Ellen volta para casa acompanhada, com a mesma felicidade de antes.

Dessa vez, compartilhada com seu antigo colega de classe.

Nas nuvens, são observados por Eros, e Matheus, agora incorpóreo como seu tutor.

- Bem. No final das contas tudo deu certo, vejam só.

- Sim... – Matheus responde, rispidamente.

- O amor é uma coisa que nem eu posso compreender. E olha que já estou no ramo há

muito tempo. Aliás, acredito que seja a hora de passar o bastão. Tirar um período

sabático para mim. E é por isso que você está aqui.

- Eu? – Matheus responde, em dúvida.

- Sim. Vou deixar você me substituir por um tempo. Aqui, pega meu arco e as flechas.

Não tem muito segredo. Agora você sabe o que é amor, não?

Matheus recebe os instrumentos, olha demoradamente para a pontiaguda flecha. E com

um olhar maquiavélico, responde.

- Sim. Eu sei alguma coisa sobre o amor... Que o amor machuca...

Fim

De volta para casa

Thais Castilho

Na casa viviam há mais de trinta anos. Ali, criaram suas filhas como sempre sonharam.

A vida deu a eles a sorte de todas alçarem voo e após tanto tempo, se viram morando sozinhos.

Ela, dona de casa, permanecia na labuta. Ele se aposentou, e passado algum tempo foi acometido pelo Parkinson, que evoluiu para demência. Um dia caiu no banheiro e passou a usar cadeiras de rodas.

Ano a ano, ele definhava um pouco mais. Passou a usar fraldas, as escaras surgiram e a alimentação se tornou pastosa.

Então, ela passou a sentir o peso de cuidar de alguém já tão debilitado em casa, mesmo com o auxílio de cuidadores.

Perguntava a si mesma se não deveria levá-lo para uma casa de repouso.

Tentava se convencer de que lá ele teria melhor tratamento, pois ele estaria em um ambiente com assistência médica e cuidados em tempo integral.

Assim, se reuniu com as filhas e contou sobre a decisão tomada.

As filhas a apoiaram e fizeram todos os trâmites para que o pai fosse levado para a casa de repouso do outro lado da rua.

Tudo começou bem. Diariamente, ela ia se encontrar com o marido, dava a ele o almoço, conversava com os moradores dali e chegou a improvisar serestas na casa de repouso.

Mas um certo dia, percebeu que sua presença já não era bem-vinda. Os empregados passaram a tratá-la com rispidez e as visitas passaram a ser regradas. Perdeu a liberdade na “casa” de seu marido.

Passado um tempo, suas impressões se confirmaram. Alguém da casa de repouso disse algo que ela não gostou. E ela não titubeou em decidir o futuro naquele momento.

— Aqui, Caio Celso não fica mais! Pensou alto. — Vamos para casa!

Levantou-se apoiada na cadeira de rodas do marido e, com dificuldade, a empurrou rumo ao portão de saída, sob os protestos dos empregados da casa de repouso que tentavam convencê-la de que era melhor deixá-lo ali.

Chegou em casa esbaforida, mas não se importava, estavam juntos novamente.

Trancou a porta e olhou para ele confirmando sua decisão de retornar para casa. E lá ficaram, até o dia que ele partiu.

Thais Castilho tem a escrita como hobby e gosta de escrever contos curtos para revistas. Seus contos, em sua maioria, são inspirados em sua família, e todos estão reunidos em seu instagram @castilho2044

O QUE SERÁ DOS OPOSTOS?

Como acontece todo o ano, Campos do Jordão, localizada no interior do Estado de São Paulo, fervilha no mês julho. Durante o dia, centenas de turistas querem aproveitar o clima da montanha, caminhar no Bosque do Silêncio, fazer piquenique no Horto Florestal, ou simplesmente sentar no Baden Baden – quando, por milagre, consegue-se um lugar –, pedir uma cerveja, comer uma porção de salsichas, e jogar conversa fora.

À noite, porque os parques fiquem fechados, não centenas, mas, sim, milhares de visitantes resolvem curtir as baixíssimas temperaturas que despencam sobre o centrinho, muito embora procurem esquentar-se com cremosos choconhaques, com calóricos fondues, e com os esquecidos casacos, cachecóis, gorros e botas de cano alto.

E como é desnecessário dizer que os restaurantes tornam-se ainda mais inacessíveis, o jeito é ficar passeando pelo calçadão, rindo a bom rir, vendo as vitrinas, e torcendo para que vague uma mesa no exato momento em que por ela se passe.

Pois foi numa dessas idas e vindas que duas almas no mínimo incompatíveis esbarraram-se...

Ao contrário do que recomenda o cavalheirismo, Paula foi a primeira a desculpar-se, fazendo com que André apenas representasse um “não foi nada” com um meneio de cabeça.

Ambos prosseguiram em seus passeios. Não se privaram, porém, de uma espiada para trás, o que causou um reencontro de olhares e dois sorrisos – o dele denunciava-se aventureiro; o dela confessava-se curioso.

Ocorre que, se duas pessoas caminharem em sentidos opostos naquele calçadão, mas dele não se afastarem, muito provavelmente irão reencontrar-se, já que isto equivalerá a uma volta completa no quarteirão.

Ademais, o interesse recíproco que brotou espontâneo, funcionando como um ímã poderoso, fatalmente transformaria esta probabilidade em certeza.

E é claro que os dois apostaram neste desfecho.

Arriscaram, e acertaram.

André tentou uma abordagem que para ele sempre dava certo. Paula limitou-se a não rir. E perguntou se ele gostava de comida japonesa, haja vista a fome que a incomodava.

Essa pergunta deixou o rapaz sem saber o que dizer. Afinal, o relógio da praça marcava nove graus, e essa temperatura definitivamente não combinava com peixe cru. Além do mais, saíra desprevenido, e, pelo que se lembrava, sua carteira só poderia bancar dois pastéis; e, mesmo assim, se não fossem muito além dos de queijo.

Paula, percebendo a saia justa, tratou de esclarecer:

- Sou eu que estou convidando. Sou eu que vou pagar. – E ofereceu o braço direito.

André levantou as sobrancelhas. Nunca passara por tal situação.

Habituar-se aos meios por que ganhava as incautas, e se acostumara a rachar a conta ao final da investida. Mas essa mulher simplesmente o desarmava, deixando-o afônico e com cara de tonto.

Como Paula insistisse com o braço, André acabou aceitando. E lá se foram rumo ao restaurante japonês mais próximo.

Mesas disponíveis havia poucas. E optaram pela mais reservada.

E se é verdade que André perguntara onde Paula preferiria sentar-se, também é fato que seu cavalheirismo a isso se limitou. Daí que se sentou sem a menor cerimônia.

Só que ao notar que Paula ficara de pé, lembrou-se da palavra cortesia. E levantou-se rapidinho, pediu desculpas, e puxou-lhe a cadeira.

Depois que escolheram os pratos – ele, a sugestão do dia; ela, o combinado que raramente é pedido –, Paula, querendo conhecer o convidado, perguntou sobre sua vida, o que fazia, do que gostava.

André, achando que iria abafar, disse que trabalhava com informática em uma grande empresa; que vinha para Campos do Jordão pelo menos uma vez por ano, em feriado prolongado e para fazer compras; e que adorava televisão e cinema.

Este último ponto acentuou a curiosidade de Paula, já que ela também adorava algumas produções da sétima arte.

Mas quando perguntou o que ele mais assistia, André, enchendo a boca,

respondeu que não perdia uma só das novelas, e que era apaixonado pelos filmes de super-heróis e de zumbis. E arrematou dizendo que se os vampiros e os lobisomens voltassem, ele não perderia nenhuma das pré-estreias. Foi a vez de Paula falar de si. Disse que era espeleóloga, explicando, em seguida, que era especialista no estudo e na exploração de cavernas, grutas,

fontes; que amava a Suíça Brasileira e a aproveitava com frequência; que detestava televisão, mas se rendia aos filmes franceses, argentinos e iranianos. – André tornou a levantar as sobrancelhas.

Com a chegada dos pratos, fez-se silêncio. Mas à medida que afastavam a fome, os olhares e os consequentes sorrisos aumentavam.

Foi quando André, buscando no horóscopo a explicação para o encontro que acontecia, disse que seu signo era o grande culpado, visto que, sendo de Peixes, acataria com prazer o que estava escrito nas estrelas.

A moça até que sorriu; menos pela crença do que pela cafonice da cantada. Mas foi logo esclarecendo que não acreditava em astrologia, destino ou almas gêmeas. E que se o convidou é porque sentia-se atraída; e nada mais. André vibrou de alegria. Ao que tudo indicava, a noite terminaria como ele imaginava.

Daí que a conversa fluía prazerosamente, as diferenças entre ambos eram cada vez mais evidentes, e os olhares e os sorrisos prolongavam-se.

Paula não teve dúvida: Pousou a mão direita sobre a esquerda de André.

Passava da meia-noite quando o casal saiu abraçado do restaurante.

E como tudo convergia para o romance, André convidou Paula para ir ao seu apartamento, onde os esperava uma garrafa de vinho tinto.

Paula sorriu, mas dispensou o convite. Queria voltar para casa, cair na cama, e acordar o mais cedo possível para aproveitar o céu azul e sem nuvens, uma vez que, mesmo no feriado, não era daquelas que trocava a manhã pela tarde.

Sendo assim, repassou o número do celular, demorou-se mais no último beijo, e partiu a passo firme, voltando o rosto apenas uma vez para despedir-se com um sorriso.

No dia seguinte, André ligava por volta das dez horas. Queria revê-la a qualquer custo.

Mas ao contrário do que sugeriu – de novo o centrinho –, o encontro aconteceria na cidade vizinha de Santo Antônio do Pinhal, no Pico Agudo, local onde se pratica voo livre.

O rapaz achou estranho, mas não se opôs.

Ao chegar ao topo, varreu o lugar com os olhos. Entreviu Paula conversando animadamente com amigos e para ela se dirigiu.

Ao se aproximar, notou que ela portava amarras e ganchos, segurava um capacete, e, como acabava de virar, ainda pôde ler em suas costas a palavra Instrutora.

André surpreendeu-se. Era a primeira vez que se relacionava com alguém que praticava esportes radicais.

Quando se viram, Paula o cumprimentou com um rápido beijo na boca, apresentou-o aos amigos, e, como o céu mantinha-se ideal, perguntou se ele gostaria de fazer um voo a dois ou se preferiria retornar sozinho para Campos do Jordão.

André estava acuado. Jamais confessaria publicamente ter medo de altura; sua macheza não admitiria. No entanto, como a Instrutora garantia que o parapente era seguro, e que voava há anos, considerou que esse convite seria uma excelente oportunidade para impressioná-la.

Assim, e como os olhares aguardassem uma resposta, raspou as forças que sobravam em seu espírito e aceitou o desafio com um sorriso amarelo. E lá se foram vastidão afora... Ele, gritando de pavor; ela, não se aguentando de tanto rir.

É claro que o medroso foi-se acalmado durante o voo, seja pelas palavras que ouvia, seja por sentir-se seguro e bem conduzido, seja, enfim, pelo esplendor que passou a desfrutar durante o voo.

Terminada a experiência, sobram alegria, abraços e beijos. E que se intensificariam pelo resto do feriado.

André só não conseguia entender por que Paula não aceitava terminar as noites em seu apartamento. É verdade que alugara um cômodo na Abernécia; bem diferente do condomínio luxuoso onde ela ficava, no coração do Capivari.

Mesmo assim, não cria que essa diferença fosse a razão de suas recusas.

O feriado enfim terminou. E não com ele o relacionamento, que desceu a

serra e estreitou-se pelas semanas que se seguiram. E tanto se intensificaram, que ao término do terceiro mês, André teve uma baita surpresa ao ser intimado por Paula para que fosse conhecer seus pais. E mais espantado ficou ao ser apresentado a eles como seu namorado. Depois de seis meses de relacionamento, André começou a questionar-se... Pelo que se lembrava, em nenhum dos seus casos – foram vários e sempre breves – a intimidade do casal deixou de acontecer. Aliás, em muitos deles, ele

nem precisou tomar a iniciativa, visto que as garotas é que se ofereciam, e no primeiro encontro. Qual seria, então, a razão das negativas que ouvia? É bem verdade que Paula estava longe de ser caracterizada como piriguete. Mas imaginar que sua namorada seria um ser à parte em plena São Paulo do século XXI, uma espécie de E.T. que só se entregaria ao seu homem na noite de núpcias, seria algo de surreal, e de inaceitável!

Assim, em um determinado sábado, tão logo terminou a sessão de cinema a que foram assistir, André, sem nenhum constrangimento, perguntou para namorada se ela tinha algum problema físico ou psíquico que a impedia de ser sua.

Paula respondeu, em voz pausada e firme, que só se entregaria a um homem depois de casada. Era assim que fora educada, e assim seria. Um climão formou-se naquele momento.

E como a mudez permanecesse, Paula levantou-se, encarou-o de olhos marejados, e foi embora sem dizer palavra.

André ficou sem reação. Nunca topara com uma mulher cujo recato falasse mais alto! E essa postura remexia em seu espírito, ora agradando, ora revoltando.

Os dias passavam. E o afastamento perdurava.

Paula sofria muito, mas se recusava a ligar.

André até arriscou outros horizontes. Mas nas duas vezes em que saiu para se divertir só encontrou tipos conhecidos, bem distantes do que Paula representava.

E como a saudade o martirizava, acabou ligando.

Ao ver quem era, a jovem inspirou profundamente, elevou o pensamento, e atendeu o telefone.

André pediu milhões de desculpas. Tentou justificar, argumentar... e se enrolava cada vez mais. Terminou dizendo que, por ter descoberto o verdadeiro amor, tudo faria para não a perder, incluindo o de respeitá-la até as núpcias. Noivaram no início do ano seguinte, e casaram-se no mês das noivas – maio foi um pedido (enfático) de sua sogra.

André retemperava-se dia a dia ao toque da esposa. Era ela quem arejava as suas ideias, aprimorava os seus gostos, e desconstruía os seus hábitos há muito enraizados.

Paula, por sua vez, sentia-se cada vez mais estimulada, grata e feliz, sentimentos esses que sempre idealizou em uma vida de casados.

Essa harmonia, contudo, sofreria grande abalo. Depois de muito tentarem, desconfiaram, investigaram e descobriram que André era estéril.

Diante desse infortúnio, Paula sugeriu o amoroso caminho da adoção.

Mas André, inconformado com a sua situação, revoltou-se de inopino, e sentenciou que jamais aceitaria tal hipótese! Preferia vivessem sem filhos a ser pai de alguém já nascido.

Ao que parecia, as transformações operadas em André não passavam de um castelo de cartas, que, submetidas às provas da vida, não aguentaram um sopro mais forte.

Diante de tamanho egoísmo, Paula caiu em depressão.

O relacionamento foi esfriando, esfriando... E acabou em divórcio amigável.

Paula conseguiu reerguer-se à custa de terapias alternativas. E por agora divide a sua atenção entre a pós-graduação e o novo namorado, seu orientador no mestrado e outro apaixonado por paraplanagem.

André foi promovido a gerente de TI e voltou a frequentar as baladas. Mas acaba sempre frustrado, pois as mulheres com quem fica pouco ou nada lhe acrescentam.

Bem que os opostos tentaram ficar juntos... Mas, para eles, isso era impossível.

Solidão Escassa

Nessa vida de retirante, não há muito o que ser dito a meu respeito. Chamo-me Francisco, nome do rio que nos corta o sertão. Ando de maneira incerta por esses cantos onde a terra racha de tanto implorar por água.

Num dia desses, quando meus pequenos começaram a reclamar de fome, tive a sorte de encontrar um urubu magrelo, daqueles que esperam o bicho morrer sem dó; dei-lhe uma, duas, três pedradas, corri até o animal já tonto e comecei a arrancar-lhe as penas das asas, que tentava bater na esperança de sobreviver ao banquete de minha família.

Os pequenos já brigavam pelo resto da carniça que o urubu comia no momento de seu abate. O cheiro forte daqueles restos me enchia os pulmões, causando-me um contorcer na barriga que parecia algo contrário à fome. Chamei Maria e mandei limpar o bicho que havia caçado.

Horas depois do alimento, percebi que Maria e os pequenos expressavam caras feias, como se a fome os tivesse feito adoecer mesmo depois de ter comido. Lembrei-me, então, da carne podre que os alimentou enquanto eu terminava de sacrificar o urubu, podridão essa que viria a matar minha família em questão de dois dias. Quem sabe a hora, nessa solidão escassa, em que eu irei encontrar outra carniça daquelas. Ah! Mas eu hei de me encontrar com eles!



Em negras palavras

Em negras palavras

Em Nova Orleans, às margens da plantação, sacos de ráfia estão cheios de algodão, pois já passa das onze horas da manhã. O sol a pino, castiga aquele exército de corpos negros e reluzentes. São deuses e deusas de Ébano a cantar uma lamuriosa canção. Uma litania, que para o povo da casa grande, que está na outra margem de um oceano de desigualdade, ainda não aprendeu a entoar.

Indo ao sul do Equador, no Rio de Janeiro, na orla da praia, um bater de palmas encanta quem passa por perto, corpos elásticos voam ao som de um instrumento rústico musical africano

Em África, em um país cuja língua oficial veio a muito da velha Europa, um idioma imposta pelos colonizadores. Um africano retinto, fortemente armado e uniformizado, sonha com um futuro melhor e vê o seu país livre dos domínios do colonizador. O soldado rebelde, diante de um regimento, estava impaciente, tentando articular as palavras em um discurso avassalador.

De volta ao do novo mundo, no sul do Brasil, um jovem artista negro ao discursar, trocou o dia pela noite, ao cumprimentar os presentes em glorioso evento. Está lançando o seu primeiro livro de poesias, ninguém parece notar certas minúcias nano-atômicas, pois estão todos e todas, chocados e chocadas com a dureza das palavras proferidas ao microfone.

Um tripulante negro, de um navio mercante, embarcação que cruza os oceanos, ele recorda da infância e juventude há muito esquecidas, quando vivia em uma ilha perdida nas Antilhas. E tudo que teve que deixar para trás, para cruzar as imensidões oceânicas, para conhecer o mundo, um dos seus sonhos de criança pequena. Sonhava em percorrer o mundo e conhecer pessoas e lugares desconhecidos. O marinheiro, negro como a noite e de origem humilde, sabe que jamais comandaria o navio em que trabalha.

Um beduíno negro, em uma caravana, a peregrinar o ebúrneo deserto árido sem fim, sonhava em ver a neve, pela menos uma vez na vida. Agora, elegantemente vestido, sentado à mesa de um requintado café, ao norte no álgido leste europeu. O homem negro, se espanta com a forma rude e como é tratado a fazer o seu pedido.

Fragmento do livro: Uma flor chamada margarida. Texto de Samuel da Costa, contista, cronista, poeta e novelista em Itajaí, Santa Catarina.

Arte digital de Clarisse da Costa, que é designer gráfico, novelista, contista, poetisa e cronista em Biguaçu, Santa Catarina.

Opera mundi: O caçador noturno, da série os ceifadores!!!

“Entre os aromas

Das flores e a sutileza

Das palavras,

Eu prefiro as flores.

Nem toda palavra é confortável. ”

Clarisse da Costa

Layla tinha uma vida vazia, despropositada e com uma sufocante rotina burocrática e monótona, era sempre fazer a mesma coisa, do mesmo jeito no trabalho de meio expediente e ela trajada com um impecável uniforme de trabalho. E tinha os fortes odores de álcool, vindos dos mimeógrafos sempre a rodar, os amanuenses de cabeça baixa e concentrados no trabalho, em silêncio copiando textos e carimbando papéis e o vai e vem estafetas, entregadores e coletores de encomendas e caixeiros-viajantes. Tinha também o rádio ligado, dando informes em idiomas variados em termos técnicos, que Layla desconhecia. E os ruidosos chiados do telégrafo funcionando, cuspidor tiras de papel a toda hora, alertando as posições das embarcações mercantes em alto mar.

E de repente, tudo mudou na vida de Laila, com uma reunião no final da tarde no meio da semana, no Hotel Reno, foi uma pequena confraternização. Enrico, o dono da casa de comércio, tinha fechado um grande contrato de distribuição e representação, com empresas nacionais e estrangeiras. Enrico, estava feliz e, quando Enrico estava feliz, fazia lá as suas extravagâncias, o jantar de confraternização com todos os empregados do escritório da casa de comércio, vendedores externos e alguns poucos associados. Então a jovem Laila, sempre calada e obscura datilógrafa, experimentou um pouco do gosto, de uma felicidade momentânea em um ambiente, que para ela era desconhecido e distante. E provar do gosto de champanhe gelada, cigarros aromáticos, charutos caribenhos e comida sofisticada, foi um divisor de águas para Laila.

E não demorou muito, para Layla passar a tomar café da manhã, almoçar, tomar café da tarde e jantar no pequeno e mal afamado Hotel Reno e se embrenhar na fauna e na flora do lugarejo pitoresco. E não demorou muito para surgirem novas e inusitadas amizades e não demorou muito para o lugar se tornar o lugar de caça de Laila, ela à procura de fortes emoções. Ao cair na noite eram breves aventuras românticas, no hotel Reno, eram encontros furtivos à meia luz, com gente totalmente desconhecida e pouca gente conhecida. Então vieram os presentes, pequenos mimos, os pequenos agrados para e bela esfuziante redescoberta Laila. Eram brincos, tiaras, colares, broches, pulseiras, anéis, perfumes, lingerie, licores, batons, sapatos, e bombons e quase sempre importados e caros. Itens que viraram lembranças bem guardadas, peças que Layla raramente pensava em usar em público.

Layla olhou para frente e viu uma luz distante e diáfana, a datilógrafa teve a estranha impressão que os muros, que a ladeavam, estavam lhe comprimindo e sufocando. Laila, a datilógrafa, lembrou da frase que sempre dizia para si, antes de começar uma aventura

amorosa: — Bem vindo a minha teia! Disse a aranha para a mosca!

E indo para mais uma aventura romântica, caminhando no beco escuro que dá acesso a entrada dos fundos do Hotel Reno, Layla sentiu o horrível odor de carne putrefata pairando no ar. Laila, elegantemente trajada de vestes negras, caminhando sozinha, com os seus saltos altos, em meio a escuridão escutou: — Bem vindo a minha teia! Disse a aranha para a mosca! — Os sons inorgânicos das palavras proferidas, ecoaram no ar, enchendo a mente e o coração da datilógrafa, de pavores e medos. Laila, correu em desespero e chegou até a porta dos fundos do Hotel Reno.

E ao cruzar a porta da entrada de serviço do Hotel Reno, Laila, se deparou com o hall de entrada do amplo corredor vazio e a datilógrafa caminhou acessou a porta à esquerda. Ela se deparou com uns poucos funcionários do hotel, estavam se aprontando para o trabalho e outros funcionários estava se aprontando para voltar para casa, era a troca de turno.

— Tudo bem senhorita Layla? — Perguntou a preocupada Mariângela, a chefe das camareiras. A trabalhadora, olhava para a desconcertada Laila, a poucos passos à frente dela, eram quase amigas as duas. Era comum para Mariângela, receber a alegre e feliz Laila, quanto estava se aventurando no Hotel Reno.

— Tudo bem mulher! — Respondeu a ofegante Laila, que tirou do bolsa um frasco de perfume Aimer, um perfume belga, raro de encontrar no comércio local, era praxe presentear a simpática chefe as camareiras. Mariângela, que naquela altura, pensava ser desnecessário receber os presentes de Laila.

— A senhorita Layla precisa de alguma coisa? — Perguntou o preocupado Raphael, o chefe de segurança do hotel. Ele atrás de Laila, ela que se vira e encara o chefe de segurança.

— Tudo bem meu bom amigo! — Respondeu Laila, com a voz trêmula.

A datilógrafa, mais uma vez, levou a mão à bolsa e tirou dois cartões de cortesia, de acesso às bebidas do bar do hotel, era outro presente para as duas equipes do hotel. Era a praxe final, antes de Layla subir as escadarias das camareiras, rumo à suíte privativa do Hotel Reno. Raphael repassou as chaves de acesso à suíte privativa, chaves que somente o chefe de segurança e a chefe das camareiras possuíam, assim como os cronogramas de atendimentos dos quartos. Layla pegou as chaves da suíte privativa, com certa rudeza, deu as costas e rumou às escadarias das camareiras.

Layla estava nervosa, pois a datilógrafa sentiu fortes odores putrefatos de carnes mortas. Odores fétidos, que ela passou a sentir quando entrou na entrada de serviço do hotel. A datilógrafa, teve um mal presságio, sentiu que alguém ou algo a acompanhava, desde quando entrou no beco de acesso aos fundos do Hotel Reno. Laila, se sentiu como um animal selvagem, na mira implacável de um caçador à espreita, um paciente caçador noturno. E uma voz gutural passou a repetir na mente dela: — Bem vindo a minha teia! Disse a aranha para a mosca!

Fragmento do livro: Em perpétuos ciclos, por Samuel da Costa, novelista, poeta e contista em Itajaí, Santa Catarina.

Argumento de Clárisse Cristal, bibliotecária, contista, novelista e poetisa em Balneário Camboriú, Santa Catarina.

Arte digital de Clárisse Costa, designer gráfico, contista, poetisa em Biguaçu, Santa Catarina.

**Artistas
afrofuturistas em
destaque... Só
porque eu tenho
asas para voar!**



Artistas afrofuturistas em destaque... Só porque eu tenho asas para voar!

Acabei de ler as tuas poesias!
A tua perspectiva é suprarreal
E posso dizer que as tuas composições
Ficaram ótimas

Os seus antes são mais ótimos
Que os teus depois
E posso dizer também
Que tu podes ser autossuficiente
Sendo apenas tu mesma

E diz o senso comum
Ser elegante não é sobre ser notada
E sim sobre ser lembrada
E pare de se encolher
Para poder caber em lugares
Onde tu a tua presença não é mais desejada

Eu bem que gostaria
Que usasses flores nos teus cabelos
Para que possas carregar
Segredos astrais nos maviosos olhos

E que no teu processo de cura
Te de a capacidade
De ler as intenções dos te rodeiam
Que tenhas o discernimento
E a capacidade
De se proteger dos teus assediadores

Às vezes chego a pensar
Que as espontaneidades contemporâneas
São as formas da mais pura arte
E a mulher que tu fora ontem
Destituiria à mulher que és hoje
O que me deixa mais excitado
Para conhecer a mulher
Que tu se tornarás no amanhã

Estou muito orgulhoso dos estros
Que compartilhasse tarde da noite
Adoro ler e tentar compreender
As tuas cósmicas vibrações
És uma poetisa tão linda e tão adorável,
Como um bom anjo madrugador

Estou orgulhoso de ti
E gostaria que estivesse orgulhosa de mim
Pois não existem competições sem animosidades
Invejas ou ressentimentos
Sei que apenas uma mulher
Segura de si e confiante

Fragmento do livro: Astro-domo. Texto de Samuel Costa, contista, poeta e novelista em Itajaí, Santa Catarina.

Artes digitais de Clarisse Costa, designer gráfico, novelista, contista e cronista em Biguaçu, Santa Catarina.

Aqui
Escuto Bob Dylan
Aqui
Entre uma pergunta e outra
Só a mim
A dúvida
Se há ou não
Certezas e dúvidas

Se mentiras
Se verdades
Será que ambas existem?

Se amor ou ódio
A falta
Ou não
Há sobra
De tal falta

Se Deus ou o diabo
O que faríamos sem eles
Toque os tamborins
Senhores e senhoras

O que seria de ti mulheres
Homens
A falta de todos?

A falta da luz ou o excesso do escuro
O que seria
De mim
Sem a memória
De ontem
De um futuro presente
Quem seria meu pai ou minha mãe
Ah!
Memórias
O que seria delas sem mim?

Toquem os tamborins
Senhores e senhoras
Toquem até não sentires mais os dedos

A falta da música
Quando Miriam dançava
Qual seria essa música?
Qual seria a tal emoção que a excitava
O que provocava tal emoção?

O que seria?!
Conte para mim Bob
A falta do violão
Da gaita
Do público?!

Mentiras, verdades
Elas viajam para longe
E voltam com outro sentido
Se algum dia fez sentido

Porque andarilhos
Não param?
Por quê?
Nômades procuram capins novos para seu rebanho
Não plantam
Só procuram novos pastos
Novas regiões
Novos sentidos para não se sentirem presos
Mas, continuam acorrentados por suas crenças
Acreditam que algo poderá acontecer e abominam a morte
Desprezam a morte
Essa sim é o verdadeiro destino

Ei!



Homens, Senhores
Senhoras
Crianças do futuro
Ei!
Sem crianças!
Porquê os sistemas são vários e todos escassos
Não produzirão nada útil
Mas...
O que é mesmos útil?

Por isso...

Toquem os tamborins
Senhores das verdades quase mentirosas e mentiras quase verdadeiras
Toquem os tamborins até os dedos caírem e por fim ver o resultado da dor.
Porquê a dor...
Essa sim é verdadeira

Ei!
Agora só no ouvido...
Falo Baixinho no seu ouvido e...
Não!
Não conte para ninguém!

Ali na esquina da sua casa
Tem uma família inteira
Gato cachorro
Papagaio
Duas crianças
Mãe e pai
Família inteira na calçada
E não vi nem um pote de margarina com marca famosa
Nem pão, nem água
Você passou cem vezes por ali e fingiu não ver os tais vagabundos
Finge não saber de nada
Mas, não é problema seu né?!
Então

Senhores senhoras
Aproveito para lhes apresentar...
Esse é um tamborim
Toquem até se cansarem
Porquê
Mentiras
Verdades
Erros
Acertos
Sentimentos
Empatia
Respeito
É tudo coisa do passado
Ou futuro dos que ainda não vieram
Mas, talvez o velho andarilho te traga algo que você possa de novo voltar a pensar
Porque pensamento...
Ah!
Isso sim
Enquanto estiver vivo
O pensamento é livre
Mas, aproveite
Porque
Ainda é livre.

Nome: Conversa com Bob
12-04-2025
09:30 hrs



Ando por um momento procurando sombras
Me esquecendo por um único momento quem sou

Acho na história
Turbulências
Acho que estive ali por décadas
Nada mudou
Só fragrâncias de um passado ainda não recuperado
Procuro por achados e perdidos

Ando pelas praias
Sem querer ver o horizonte
Sem ver a faixa que nos separa
Não quero admitir meus graves momentos
Então, não tenho presente

Vivo as margens de tudo pois não compreendo os males que tenho feito
Mares que encherço
Mau que finjo não ter feito

Argumentos sem perguntas
Ressuscitando estátuas nos seminários
Pois ignoro os verdadeiros mortos
Para mim, não há mortos

Vivo assim
À espera de algo novo
Não quero ser perturbado
Pois não quero responder às dúvidas que há em mim

Pego meu travesseiro
E durmo
Por horas a fim de esquecer quem sou ou fui

Pego minha bicicleta pela manhã e vou por aí a fim de me distrair e fingir que não
tenho culpa de nada mas, continuo a esperar que algo mude.

Poesias Wilson lirio
Nome: Balbucias e falácias
02/04/2025
10:04 hrs



Alquimia do tempo

Rosangela Mariano
São Leopoldo - RS

Enquanto a poeira
soprava e ardia...
... em nossos olhos e almas...
O deserto em mistérios
era a dura descoberta
de um espírito sonhador.

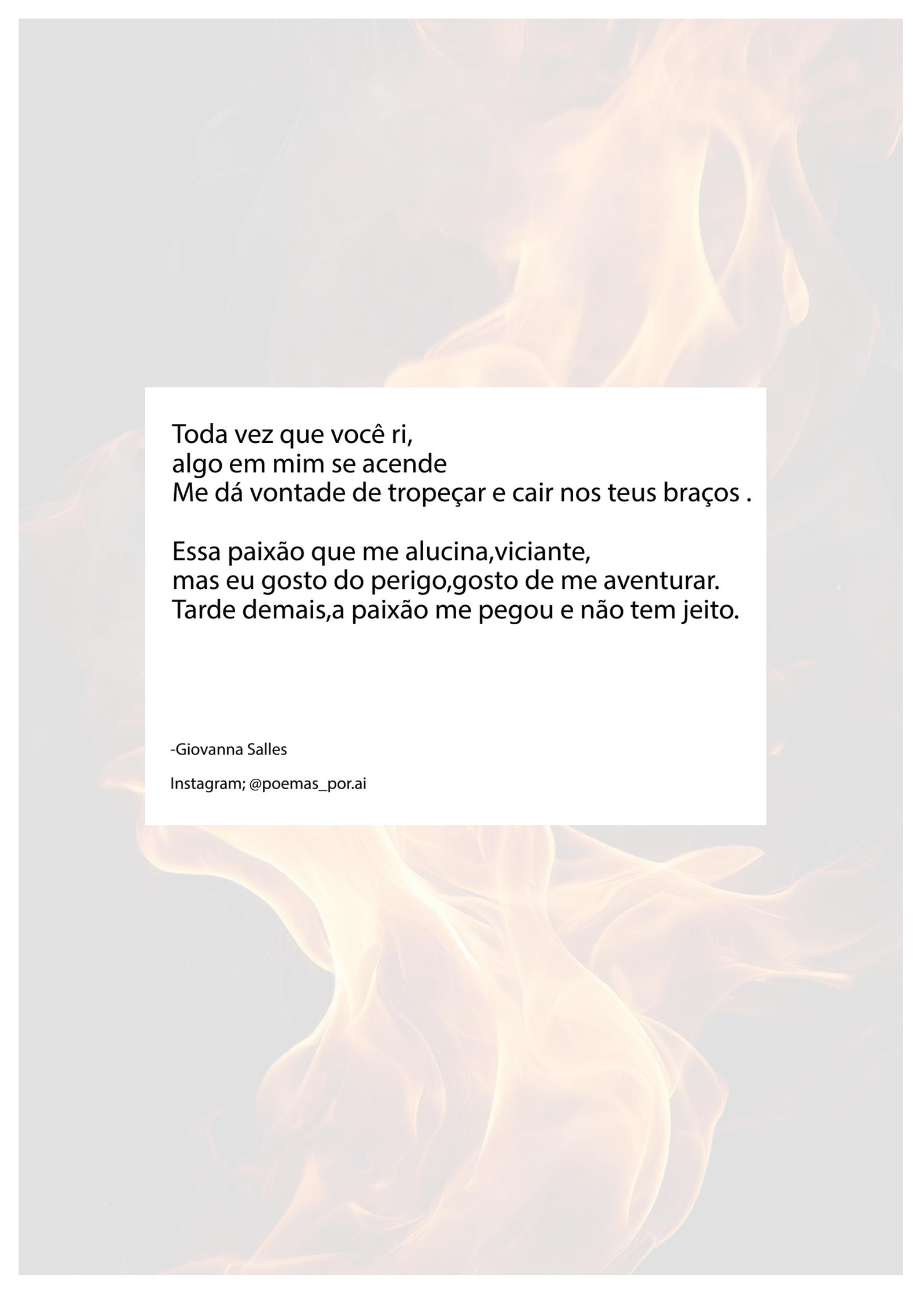
Na languidez mormacenta
das horas,
só mesmo os cactos
pontagudos de espinhos
mostravam sorrisos...
- Risos cansados, tristes,
sedentos de água...

O calor afagava,
enlaçava, abraçava
corpos suados
e os rostos crestados
refletiam imagens
de dor...

Era o deserto
em sua amplitude infinita,
quebrando sonhos,
forças e vontades...
... ressecando lágrimas
e almas...
... confundindo silêncios
e horas...
... mesclando impiedade...

- Alquimia do tempo!

Instagram: marihanaescritora

The background of the entire page is a soft, ethereal image of flames. The fire is rendered in shades of light orange, yellow, and pale pink, with wispy, smoke-like textures that give it a dreamlike and romantic quality. The flames appear to be rising and swirling, creating a sense of movement and heat. The overall tone is warm and intimate, complementing the theme of the poem.

Toda vez que você ri,
algo em mim se acende
Me dá vontade de tropeçar e cair nos teus braços .

Essa paixão que me alucina,viciante,
mas eu gosto do perigo,gosto de me aventurar.
Tarde demais,a paixão me pegou e não tem jeito.

-Giovanna Salles

Instagram; @poemas_por.ai

PRÓXIMA EDIÇÃO

#34

dartelondrina@gmail.com
insta @dartelondrina